

A presença de Benfica, FC Porto e Sporting no jornalismo desportivo generalista português:

Análise comparativa dos jornais A Bola, Record e O Jogo

(Versão final após defesa)

Alexandre dos Santos Dionísio

Relatório de Estágio para obtenção do grau de Mestre em
Jornalismo

(2º ciclo de estudos)

Orientador: Professor Doutor José Ricardo Pinto Carvalheiro

dezembro de 2022

Declaração de Integridade

Eu, Alexandre dos Santos Dionísio, que abaixo assino, estudante com número de inscrição M10778 de/o Mestrado em Jornalismo da Faculdade de Artes e Letras, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridade da Universidade da Beira Interior.**

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, e que em particular atendi à exigida referência de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assim assumo na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã, 29/09/2022

Alexandre Dionísio

(assinatura conforme Cartão de Cidadão ou preferencialmente assinatura digital no documento original se naquele mesmo formato)

Agradecimentos

Em primeiro lugar, obrigado Kikas (a minha gata de Alcobaça), por todo o carinho e inspiração que me ofereceste ao longo da redação deste relatório. Sem o teu afeto, tenho sérias dúvidas de que o conseguiria ter terminado.

Agora mais a sério. Se me dissessem, quando era um típico adolescente com a mania que era mau, que um dia iria escrever um documento com mais de 80 páginas, responderia apenas: “Nem que me paguem”. A vida tem uma forma engraçada de nos contradizer e, neste caso, fico feliz por ter estado errado.

A conclusão desta investigação assinala um marco inesquecível na minha vida: a conclusão do meu percurso académico, que foi responsável por ter conseguido dar início à minha carreira no mundo do jornalismo desportivo, onde sempre quis trabalhar.

Resta-me, portanto, agradecer às pessoas que me apoiaram neste percurso:

Obrigado à minha família, com especial destaque para a minha irmã Sofia e para os meus pais, por me terem dado a oportunidade de ir para a universidade, algo que nunca puderam fazer. Sempre soubemos que estudar não é o meu forte, mas vocês sempre acreditaram em mim, apesar de todas as burrices que fiz, e isso é inestimável.

Obrigado Inês, estiveste sempre lá nos momentos em que precisei. Ambos sabíamos da dificuldade que esta etapa ia exigir e a forma como conseguimos ultrapassá-la foi digna de guerreiros. Sou um sortudo por te ter.

Obrigado ao professor José Ricardo Carvalheiro, por toda a paciência, disponibilidade e conhecimento que me proporcionou ao longo destes meses. Acredito que não tenha sido o estudante mais pontual ou dedicado que orientou, mas saiba que, sem si, este trabalho não teria passado da introdução.

Obrigado a todos os jornalistas que se cruzaram comigo durante o meu estágio n’O Jogo. Acolheram-me de uma forma absolutamente impecável, isto quando ainda me estava a ambientar a uma experiência nova e a uma cidade que mal conhecia. Deixo uma especial menção a Alcides Freire, o editor-chefe do site do jornal, por me ter concedido a oportunidade de ingressar nesta área, que sempre adorei.

Obrigado à Escolinha das Apostas e aos LSD (não, não estou a falar da droga). Não preciso de explicar grande coisa, todos os momentos que passámos juntos falam por si e, sem vocês, não estaria onde estou hoje.

Resumo

Utilizando como ponto de partida o domínio que Benfica, FC Porto e Sporting exercem na imprensa desportiva nacional, liderada pelo trio composto pelos jornais A Bola, Record e O Jogo, esta investigação pretendeu averiguar, na medida do possível, o quão exacerbado é esse domínio, como funciona e as razões da sua existência. Os restantes clubes da I Liga portuguesa foram usados como termo de comparação, de forma a ser possível refletir sobre as discrepâncias que existem entre os destaques e o espaço, em termos de notícias, relativos a este grupo e ao que engloba os denominados “três grandes” do futebol nacional.

Depois de ter realizado um estágio curricular de três meses (entre 8 de novembro de 2021 e 31 de janeiro de 2022) na redação do Porto do jornal O Jogo, analisei, com recurso a autores e investigadores da área, a forma como o desporto impacta a sociedade, assim como a relação que detém com os media. Fui em busca, também, de entender o porquê de o jornalismo desportivo ser tido em menor estima do que o jornalismo generalista e de refletir, com base nos dados recolhidos e na minha própria experiência profissional, como são efetuadas as escolhas que ditam qual o clube que merece ser o grande destaque da primeira página (também conhecido como manchete) de um jornal desportivo em Portugal, assim como o porquê de apenas três clubes serem alvo de muito mais protagonismo do que os restantes, uma questão que parece ser causada apenas por motivos económicos, mas que envolve muito mais, nomeadamente critérios de proximidade e consonância inerentes à prática jornalística e a própria cultura desportiva lusa, assente também no domínio incontestável destes três emblemas.

É ainda importante assinalar a falta de evidências que apontem para um favorecimento de qualquer um dos jornais desportivos portugueses em relação a um só clube, ao contrário do que é muitas vezes alegado nas redes sociais e em conversas de café.

Palavras-chave

Jornalismo desportivo; Benfica; FC Porto; Sporting; destaques; O Jogo; futebol

Abstract

Taking into account the dominance that Benfica, FC Porto and Sporting have in the national sports press, which is led by the trio composed by the newspapers A Bola, Record and O Jogo, this research intended to investigate, as far as possible, how exacerbated this dominance is, how it works and the reasons for its existence. The remaining clubs of the portuguese I Liga were used as a term of comparison, in order to be able to reflect on the discrepancies that exist between the spotlight and space, in terms of news, regarding this group and the one that comprises the so-called "big three" of national football.

After taking a three-month curricular internship (between 8th November 2021 and 31st January 2022) in the editorial office of the newspaper O Jogo located in Porto, I analysed, based on authors and researchers of the area, the way that sports impacts society, as well as the relationship it has with the media. I also sought to understand why sports journalism is held in lower esteem than general journalism and to reflect, based on the data collected and on my own professional experience, how the choices that dictate which club deserves to be the spotlight of the first page (also known as headline) of a sports newspaper in Portugal are made, as well as investigating why only three clubs are given much more prominence than the others, a question that seems to be caused only by economic reasons, but that involves much more: the criteria of proximity and consonance inherent to the journalistic practice and the portuguese sports culture, also based on the undisputed dominance of these three clubs.

It is also important to mention the lack of evidence pointing to a favouritism of any of the portuguese sports newspapers in relation to any club, contrary to what is often alleged on social networks and in coffee chats.

Keywords

Sport journalism; Benfica; FC Porto; Sporting; spotlights; O Jogo; football

Índice

Agradecimentos	III
Resumo	V
Abstract	VII
Índice	IX
Lista de Tabelas	XI
Introdução	13
Capítulo 1. O desporto nas sociedades modernas	15
1.1. O efeito do desporto na sociedade e nos indivíduos	15
1.2. A relação dos media com o desporto	18
1.3. Os media são influenciados pelo desporto?	21
Capítulo 2. A história do jornalismo desportivo	23
2.1. O contexto internacional	23
2.2 Os primórdios do jornalismo desportivo português.....	26
2.3. Futebol dá entrada em Portugal.....	28
2.4. O trio A Bola, Record e O Jogo	31
2.5. Futebol <i>versus</i> outras modalidades.....	34
2.6. A influência da TV e da internet na prática desportiva.....	35
Capítulo 3. Particularidades do jornalismo desportivo	37
3.1. Opinião no jornalismo desportivo português.....	40
3.1.1. Opinião no jornal A Bola.....	42
3.1.2. Opinião no jornal Record	44
3.1.3. Opinião no jornal O Jogo	48
3.1.4. Ilações sobre a análise da opinião nos jornais desportivos	50
Capítulo 4. A experiência de estágio	52
4.1. Apresentação do jornal	52
4.2. Estágio na secção impressa.....	53
Capítulo 5. Análise de conteúdo	58
5.1. Análise inicial e aleatória das manchetes d’ O Jogo, A Bola e Record	59
5.2. Manchetes dos jornais desportivos em dezembro de 2021*	64
5.3 Diferenças de espaço entre os “três grandes” e os restantes clubes	71
5.3.1 Jornal O Jogo	71
5.3.2 Jornal A Bola	73
5.3.3 Jornal Record	73

Capítulo 6. Conclusões e reflexões	75
Anexos	78
Bibliografia	84

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Análise aleatória às primeiras páginas do jornal O Jogo ao longo de 2021...	60
Tabela 2 - Análise aleatória às primeiras páginas do jornal A Bola ao longo de 2021....	61
Tabela 3 - Análise aleatória às primeiras páginas do jornal Record ao longo de 2021 ..	61
Tabela 4 - Conjunto dos destaques nos 3 jornais (n=36).....	62
Tabela 5 - Destaques dos “três grandes” (n=30).....	62
Tabela 6 - Análise às primeiras páginas do jornal O Jogo de dezembro de 2021	64
Tabela 7 - Análise às primeiras páginas do jornal A Bola de dezembro de 2021	65
Tabela 8 - Análise às primeiras páginas do jornal Record de dezembro de 2021.....	66
Tabela 9 - Quadro de síntese com números globais (Total de manchetes: 93).....	67

Introdução

Este estudo foi pensado e realizado com base num campo onde sempre tive o desejo de trabalhar: o jornalismo desportivo em Portugal. Da mesma forma que o futebol nacional é dominado por um trio de clubes – os chamados “três grandes” - o jornalismo desportivo português é liderado por três jornais: A Bola, Record e O Jogo. Estes órgãos são, de longe, quem acarreta a responsabilidade de informar o público sobre a atualidade desportiva nacional, mas quem os acompanha certamente já se terá debatido com esta questão, cuja resposta não poderia ser mais afirmativa: Benfica, FC Porto e Sporting (sem ordem específica) não são alvo de muita mais atenção do que os outros clubes?

Esse dado é incontornável e, como em tudo na vida, tem uma explicação, que será exposta mais adiante. Antes de chegar a esse ponto, importa descortinar o caminho até lá. O primeiro passo vai incluir uma análise profunda àquilo que justifica a existência da área em questão: o desporto. Qual é o seu efeito na sociedade? E vice-versa, a forma como vivemos influencia-o? E os media, conseguem alterar alguma coisa na forma como o desporto é praticado? De seguida, será importante analisar a história do jornalismo desportivo nacional, não descurando as devidas comparações com o cenário internacional, de forma a entendermos como o campo foi crescendo até à atualidade.

Elaborada a contextualização histórica, optei por tentar “separar” o jornalismo desportivo da sua versão mais ampla, devido a ser um campo que, apesar de servir o mesmo propósito de uma forma especializada, abrange determinadas particularidades que considero importante destacar, até porque sinto que esta questão ainda aguarda pela atenção e reflexão académica que merece no nosso país. Esse capítulo vai incluir uma especial atenção ao aspeto da opinião que, embora esteja longe de ser algo restrito ao jornalismo desportivo, adota uma importância muito mais acrescida nesse meio.

Após a exposição de todo este enquadramento teórico, será a vez de relatar a minha experiência de três meses enquanto estagiário no jornal O Jogo. Toda a forma como o jornal opera, tanto no modo impresso como online, que serão naturalmente comparados, será descrito da forma o mais clara possível.

No último capítulo desta investigação estará presente aquela que considero ser a sua parte mais importante: as análises de conteúdo aos destaques e notícias dos três jornais. Voltando ao domínio dos “três grandes” no jornalismo desportivo português, o quão grande é? Esse domínio traduz-se apenas em destaques de primeira página, ou também existem disparidades nas respetivas notícias? Não existirá uma única edição impressa,

ao longo de um ano inteiro, com outro clube na primeira página que não um dos três do costume? Como é que esse destaque é definido? Individualmente, será que os jornais desportivos podem ser mais “afetos” a um clube do que a outro? Não deveriam todos os clubes merecer a mesma atenção nos jornais? As questões são muitas, mas todas serão alvo de reflexão, análise e, se possível, resposta.

Neste capítulo, o método de investigação selecionado foi a análise de conteúdo a várias edições impressas dos jornais A Bola, O Jogo e Record, de forma a ser possível elaborar uma comparação entre os três órgãos e as necessárias conclusões/reflexões, cujo objetivo será o de responder às seguintes perguntas de partida: Em termos de destaque, existe alguma equipa que tenha um protagonismo claro em relação às restantes nas primeiras páginas de cada um destes jornais? Será que Benfica, FC Porto e Sporting são as únicas equipas com notícias em maior destaque nos jornais A Bola, Record e O Jogo? Existem diferenças, nas edições impressas e digitais de cada um destes jornais, nas notícias sobre três principais equipas do futebol português quando comparado com as notícias sobre as restantes equipas da Primeira Liga?

Capítulo 1. O desporto nas sociedades modernas

1.1. O efeito do desporto na sociedade e nos indivíduos

Antes de enveredar pelos caminhos e história do jornalismo desportivo, convém abordar aquilo que é a essência do campo: o desporto. Entre as mais variadas definições que foram elaboradas ao longo dos tempos, a mais abrangente e que me parece melhor definir o termo é a de Hebert (1946), mencionada na obra de Francisco Pinheiro (2009), que explica a prática desportiva como sendo “todo o género de exercício ou actividade física que tenha como meta a realização de uma marca e cuja execução se baseie essencialmente na ideia de luta contra um elemento definido: uma distância, um animal, um adversário e por extensão, nós próprios” (p.21).

Mediante esta definição, entende-se que a noção de desporto consiste na superação de um objetivo e/ou adversário concreto através do esforço físico, sempre com vista à conquista de um determinado jogo ou competição. E, em termos práticos, não passa disso mesmo, uma vez que a própria simplicidade das variadas modalidades são uma das grandes razões para a popularidade que a prática desportiva foi adquirindo com o passar dos séculos. Mas, em termos sociológicos, como se explica a emoção que o desporto evoca em quem assiste aos desportistas, a explosão de alegria que os adeptos demonstram quando a sua equipa ou atleta favorito/a triunfam sob o seu olhar atento e, em contraste, a revolta e desilusão que sentem quando quem apoiam perde? Norbert Elias e Eric Dunning (1992) abordam essa mesma problemática, considerando que a razão dessa injeção emocional reside no crescente aumento do “controlo social e autodomínio da excitação exagerada” à medida que as sociedades foram evoluindo (p.101).

Tirando as crianças, que sempre permaneceram livres para expressarem em pleno todos os seus sentimentos e emoções, os indivíduos das sociedades modernas foram ensinados a conterem as suas emoções em público, a adotarem um comportamento visto como “normal”, num processo que resulta em que, na altura em que se tornam adultos, esse controlo já é efetuado de forma automática e inconsciente. Nas sociedades avançadas, “as atividades de lazer constituem um enclave para o desencadear, aprovado no quadro social, do comportamento moderadamente excitado em público” (p.103-104).

Se, nas sociedades mais antigas, esses eventos consistiam em festivais que honravam deuses gregos e carnavais medievais, nas sociedades modernas são eventos relacionados

com desporto, música, teatro, cinema, entre outros, que suscitam o relaxamento das restrições emotivas a que nos proporcionamos socialmente. “A busca da excitação é (...), nas nossas atividades de lazer, complementar relativamente ao controlo e restrição da emotividade manifesta na nossa vida ordinária. Uma não se pode compreender sem a outra”, sublinham os autores. (p.105).

Norbert Elias e Eric Dunning (1992) realçam ainda que os membros das sociedades modernas estão sujeitos a, para além da já mencionada restrição emocional, um quotidiano marcado pela rotina. Esses dois aspetos resultam em que surja nos indivíduos uma necessidade de se libertarem e quebrarem essas rotinas, apresentando-se o desporto como uma atividade de lazer perfeita para o fazer. “Contudo, este processo de destruição da rotina, este despertar socialmente consentido de emoções em público, está sujeito a formas de controlo de civilização”, alertam (p.323). Não obstante desse controlo, a importância que o desporto ganhou na sociedade moderna subiu tantos patamares ao longo da sua evolução que os autores não se inibem de afirmar que “não é de modo algum irreal sugerir que o desporto se está a tornar cada vez mais a religião secular da nossa época, também cada vez mais secular” (p.324).

João Batista e Rui Pires (1989) adicionam mais uma componente indispensável para a compreensão dos efeitos sociológicos do desporto nas sociedades modernas: o “desporto-espetáculo”. De acordo com ambos, “o papel activo jogado pelo espectador no desporto de competição encontra-se, de igual modo, profundamente imbricado nas dinâmicas de construção e articulação dos referentes de identidade colectiva” (p.17). Assim sendo, um adepto, quando se vê inserido num espaço preenchido por outros indivíduos que apoiam o mesmo clube/atleta, sente-se parte de algo maior que si e, por conseguinte, adquire uma motivação interior para defender as suas “cores” junto dos pares em momentos de conflito, veja-se os exemplos de violência entre as claques no futebol.

Entende-se desta forma que o ambiente dramático, competitivo e espetacular que envolve o desporto moderno, aliado à sua inabalável importância para a quebra das restrições emocionais e rotinas quotidianas que integram a vida dos espectadores, conjuga-se numa combinação que explica as recorrentes expressões de emoção que se assistem nas bancadas compostas por adeptos de desporto, que podem chegar inclusive a tons de conflito.

Outro aspeto do desporto que convém salientar é o levantado por Wenner e Billings (2017), que diz respeito à “ubiquidade” do campo, a qual resulta em efeitos na sociedade. Um jogo de futebol, a título de exemplo, demora 90 minutos a realizar-se, mas toda a história que o envolve, nomeadamente antevisões, preparação (último treino, lesões inesperadas, ausências de jogadores/treinadores por motivos disciplinares, histórico de confrontos, consequências de todos os desfechos possíveis para a partida), tudo isso são elementos que alimentam todos os jogos competitivos que as equipas realizam durante uma época desportiva, jornada após jornada, e cuja exposição, a encargo dos media, ultrapassa em muito a hora e meia de duração do jogo e reinicia-se sempre que a próxima ronda se aproxima.

“Um novo “jogo grande” aparenta estar sempre ao virar da esquina e um recarregado entusiasmo substitui, de forma rotineira, a reflexão acerca dos resultados, que desaparecem das nossas memórias e tornam-se triviais no interior dos registos desportivos” (Wenner e Billings, 2017, p.1).

São estes elementos, que voltam a repetir-se mal o jogo termina, com as devidas análises à exibição de cada equipa, casos específicos (e muitas vezes polémicos) e consequências do resultado final, que se conjugam para que, mesmo num dia no qual não aconteça qualquer jogo, a comunicação social tenha tanto a noticiar sobre algo que pode nem chegar a duas horas de duração, isto em termos práticos.

Claro que esta atenção a todos os detalhes, efetuada consistentemente pela imprensa, é algo que resulta de uma necessidade da sociedade, que requer estar informada sobre tudo o que está relacionado ou teve (ou poderá ter, no caso das antevisões) um papel a desempenhar na exibição dos protagonistas, mas é também um efeito do próprio desporto em si, cujas características estão viradas para que exista sempre um capítulo a seguir ao anterior. Mesmo quando uma época termina e o campeão é conhecido, no dia a seguir a conversa já seguiu, seja para a próxima competição ou para algo que pouco tem de prática desportiva, como o mercado de transferências.

O desporto tem uma forma fascinante de nunca estagnar e de nunca perder a essência de despertar o interesse de quem o acompanha. Se precisa dos media para existir? Não, mas são dois elementos que, existindo ao mesmo tempo, vão andar de mãos dadas, porque têm uma relação de benefício mútuo.

1.2. A relação dos media com o desporto

Phil Andrew (2005) começa por explicar a influência dos media na riqueza que o desporto produz, referindo que a televisão por satélite, juntamente com a transmissão exercida pelas rádios, “aumentou o custo dos direitos dos media e incrementou vastamente o lucro dos clubes desportivos, organizações do setor e desportistas masculinos e femininos” (p.6). De facto, a possibilidade de transmitir eventos desportivos ao vivo para milhões de consumidores revolucionou o setor, que passou de ser exclusivamente amador e de reger-se somente por uma motivação competitiva, para passar a envolver exorbitantes quantias monetárias, tornando-se na gigante indústria que conhecemos hoje. No entanto, também os media sofreram alterações por causa da globalização do desporto, com vários meios de comunicação exclusivamente dedicados à cobertura desportiva a terem surgido num ritmo que acompanhou a crescente popularidade do desporto na sociedade e com o jornalismo a ter apostado cada vez mais nesta vertente, criando secções e redações específicas para a sua cobertura.

A relação dos media com o desporto pode assim ser descrita como sendo de influência e benefício mútuo. Ainda numa perspetiva dos efeitos dos media sobre a prática desportiva, Andrew (2005) salienta a forma como o setor auxilia o efeito do desporto no sentimento de pertença que os adeptos sentem ao defender a equipa do seu país/cidade: “Numa altura em que a maioria da população da Europa pertence à União Europeia, eles podem agarrar-se às raízes através das equipas desportivas locais ou nacionais. Os jornalistas desportivos ajudam a estabelecer e preservar esta significância cultural” (p.20).

A importância dos media no desporto é evidenciado principalmente nos chamados “mega-eventos”. Casos como os Jogos Olímpicos, o Super Bowl, no cenário do futebol americano, os play-offs da NBA, no basquetebol, ou o Mundial, (e até a final da Liga dos Campeões), no futebol, são exemplos de eventos esporádicos e que não seriam tão megalómanos sem a presença dos media. Nestas ocasiões, a atenção e pressão dos protagonistas atinge o seu expoente mais alto, sendo que os lances marcantes, tanto pela positiva como negativa, ficam gravados na memória da sociedade de forma permanente.

A título de exemplo, ainda alguém se esqueceu de quanto ficou o Brasil-Alemanha, no Mundial de 2014, disputado em pleno solo canarinho? Ou da “Mão de Deus” de Diego Armando Maradona, no Mundial de 1986?

Lawrence Wenner e Andrew Billing (2017) passam a explicar: “Os media, numa definição básica, tornam as coisas maiores do que a própria vida. (...) O espetáculo cómodo em que os mega-eventos desportivos se tornaram não teria sido possível sem os media” (p.4).

A citação não deixa grande espaço para dúvida, os media são um bem para a prática desportiva, tanto a nível económico, como social. Se algo tão banal como uma rivalidade com um adversário já é suficiente para inspirar emoções fortes num jogador, o que dizer dessa influência quando o que está em jogo não é uma vitória em contexto regional ou até nacional, mas o triunfo do respetivo país/equipa na competição mais prestigiada que existe dentro da modalidade, perante o olhar atento de milhões de espetadores?

“Enquanto estes mega-eventos desportivos e as suas audiências cresceram, a ideia de que estas formas grandiosas de desporto implicam uma importância cultural mais abrangente do que as competições quotidianas e regionais tem sido socialmente implementada” (Wenner e Billing, 2017, p.4)

Nessas situações, em que todos os holofotes estão ligados, mais do que o sentimento de pertença a algo maior ou de orgulho profissional, o que está em jogo diz respeito ao patriotismo, como se de uma guerra se tratasse, é isso que separa os “mega-eventos” do resto, ainda que a fórmula em ação seja exatamente a mesma. Quanta mais media está envolvida num ambiente, mais emoção ficará associada ao mesmo e, num cenário já tão propício a isso, como é o do desporto, até seria de estranhar caso esta relação não existisse num nível tão gritante. Indubitavelmente, são os media os responsáveis por conferir e fazer jus à importância que o desporto tanto tenta introduzir na vida em sociedade, especialmente nos momentos-chave de competição.

Confirma-se assim que os media são uma parte indispensável do desporto moderno: “Um é literalmente impensável sem o outro” (Rowe, 2009, citado em Byers, Slack e Parent, 2012, p.63). Se, antigamente, era a componente amadora que fazia da prática desportiva algo apelativo para o público, hoje em dia é a componente espetacular da mesma que perfaz essa tarefa, com a ajuda inestimável dos media, que exteriorizam a ação para o mundo inteiro, para além de sustentarem, em termos económicos, que a mesma aconteça.

No futebol, antigamente eram as receitas dos bilhetes para os jogos a principal fonte de rendimento dos clubes, mas hoje são os direitos das transmissões televisivas que os sustentam.

Se a FIFA investe tanto na promoção de um Mundial, é porque o retorno do mesmo é absurdo (o Catar concordou em pagar 700 milhões de euros para acolher e transmitir a prova em 2022, de acordo com o Sunday Times) e a UEFA opta por reformular a Liga dos Campeões, é por causa da vontade de tornar o desporto cada vez mais espetacular, mais emocionante (pelo menos é essa a teoria que defende), colocando ainda mais gente a ver e, em consequência, gerando receitas ainda maiores a seu favor, fruto da exposição mediática e dos acordos comerciais e patrocínios que apenas são possíveis devido à mesma.

São os media que sustentam o desporto moderno, tão simples quanto isso. Se lhe compensa? Absolutamente, daí ser uma relação de benefício mútuo, como anteriormente referido, apesar de também incorrer em consequências negativas, nomeadamente ao nível regional, uma vez que a mediatização do desporto é um dos grandes fatores responsáveis pela falta de apoio ao “clube da cidade” que se verifica em Portugal, algo que se denota, de forma gritante, em relação ao desporto-rei, o futebol.

1.3. Os media são influenciados pelo desporto?

De um ponto de vista profissional, aproveito para dar a minha resposta pessoal, sem recorrer a qualquer obra que me sustente, até porque as investigações conduzidas sob este prisma são bastante escassas. Sim, claramente que os media são influenciados pelo desporto e seus intervenientes, ainda que numa dimensão muito menor à inversa. Um grande exemplo disso? Veja-se o que é transmitido pelas estações de televisão quando um jogador acaba de marcar um golo ou pontuar. A primeira imagem que aparece é a cara do jogador em destaque, de forma a colocar o espetador o mais perto possível da ação e dos sentimentos que o interveniente está a sentir e a demonstrar, mas logo a seguir, se for preciso com a partida já retomada, o que aparecerá na televisão são todos os ângulos possíveis do momento, de forma a que não reste qualquer dúvida sobre as circunstâncias em como aconteceu.

A preocupação com o detalhe, especialmente em momentos-chave, é uma característica que apenas se vê na relação entre os media e o desporto. Numa conferência de imprensa do Presidente da República, vê-se alguma repetição do que acabou de ser dito pelo mesmo, meros segundos depois e enquanto o próprio ainda está a falar?

Não, e isso é porque os media não estão “obrigados” a mostrar todos os segundos possíveis da ação da forma mais aproximada possível, podem selecionar e destacar o mais relevante, algo impensável quando o que está a ser transmitido em direto é desporto.

Os media foram obrigados a adaptar-se à realidade desportiva e à sua conseqüente evolução numa componente social, exposta anteriormente. Esse acompanhamento foi o que permitiu que a relação entre ambos chegasse ao ponto indissociável de hoje, no qual ambos recolhem frutos, tal como salientam Raney e Billings (2006): “Enquanto esta relação dura, a importância do conteúdo desportivo para os media atingiu um ponto em que faz cada vez menos sentido discutir desporto e media como instituições separadas” (p.66).

Os media oferecem a possibilidade de cobrir e tornar o desporto o mais espetacular possível, permitindo ainda os acordos comerciais com marcas publicitárias e estações de televisão, tornando o setor numa indústria multimilionária, mas também recolhem os seus próprios frutos. O desejo público de informação acerca de conteúdos desportivos é massivo e, com o setor do seu lado, os media aproveitam um mercado específico para exercer a sua função e retirar rendimentos de uma área altamente produtiva e lucrativa.

No desporto, contam-se pelos dedos os dias em que não existe algo de novo e de relevante a acontecer, e não será exagero afirmar que, sem o mesmo, os media estariam em bem pior estado durante a crise que assola a setor.

Capítulo 2. A história do jornalismo desportivo

Neste capítulo irei descortinar, de um modo geral, a história do jornalismo desportivo impresso europeu e, com maior ênfase, em Portugal. Começando pelo panorama internacional, vou analisar o contexto europeu que envolvia Portugal na altura do início do desenvolvimento da sua própria imprensa desportiva. Com França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Bélgica, Países Baixos e Espanha na sua dianteira em termos de avanços no campo, considero pertinente que se descortinem os seus respetivos marcos na história da imprensa desportiva, de forma a que se tenha um termo de comparação com Portugal. Em meu auxílio, a tese de doutoramento de Francisco Pinheiro, doutorado em História pela Universidade de Évora, intitulada “História da imprensa desportiva em Portugal”, será usada como base de recolha de informações, devido a se constituir como uma fonte rica e completa acerca da história da imprensa desportiva portuguesa e não só, em conjunto com outras obras relevantes para o tema.

2.1. O contexto internacional

Não será descabido afirmar que a imprensa desportiva na Europa teve um despertar relativamente tardio quando comparada à imprensa generalista, tendo nascido fundamentalmente nos finais do século XIX. Fica mesmo a ideia de que este género terá ficado “esquecido” quando comparado com outras áreas especializadas do jornalismo durante várias décadas, tal é a negligência por parte dos historiadores do campo, sublinha Pinheiro (2009). “Aquela que é a obra de referência da história do jornalismo português, A História da Imprensa Periódica Portuguesa, de José Tengarrinha (1989), nem uma linha apresenta sobre o jornalismo desportivo¹, isto apesar da pesquisa se estender até à década de 1910” (p.45).

Cingindo-se, desta forma, a informação disponível sobre a imprensa desportiva na história dos primeiros jornais deste ramo, que apareceram na passagem entre o século XIX e XX, é importante destacar esses primeiros periódicos europeus que surgiram neste período. O primeiro jornal desportivo especializado² a surgir na Europa foi o diário londrino Sportman, em 1852, ao qual se seguiu o Le Sport, o primeiro diário desportivo

¹ Área especializada do trabalho jornalístico

² Subárea jornalística dedicada a modalidades desportivas específicas

generalista europeu, lançado em Paris em 1854. Salientam-se ainda três periódicos franceses que foram fundados na década de 1860: Le Moniteur de la Gymnastique (1868)³, Le Vélocipède (1869) e Le Vélocipède Illustré (1869).

Relativamente ao âmbito generalista dentro do jornalismo desportivo, Teixeira (2018) salienta a importância do ano de 1894, que assinalou o começo da criação de vários periódicos desportivos generalistas⁴, que após o pioneiro Le Sport, se estabeleceram pela Europa fora e vieram complementar os jornais especializados em apenas uma modalidade. Apesar disso, foram vários os periódicos especializados que continuaram a ser lançados nesta altura, essencialmente sobre ciclismo, modalidade que estava na voga.

Nos anos que se seguiram, a França deu mais um passo para se estabelecer como um país precursor na cobertura desportiva com a fundação dos periódicos Le Sportsman (1876), La Vie Sportive (1882), La Gazette des Sports (1888), Le Sport Universel Illustré (1895) e Les Sports Modernes (1898). O primeiro diário desportivo gaulês chegou em 1894, sob a designação de Le Vélo. Já a Bélgica viu nascer o seu primeiro diário desportivo em 1907, aquando da fundação do Les Sports. A Espanha dedicou-se à cobertura noticiosa desportiva mais tarde do que Inglaterra, França e Bélgica, com o seu primeiro periódico desportivo a nascer em Madrid no ano de 1865, sob o nome de La Caza. O primeiro jornal diário de cariz desportivo, esse só chegaria a terras espanholas no ano de 1924, data que assinalou o lançamento do Excelsior, em Bilbao, sendo que, dois anos depois, o jornal catalão El Mundo Deportivo passou a adotar um regime diário.

Após a criação do primeiro periódico desportivo na Espanha, ainda foram precisas mais de duas décadas para que o desporto se comesçasse a afirmar como uma especialização do jornalismo espanhol, explicando-se assim que os periódicos El Sport Español (1886) e Crónica del Sport (1893), entre outros seguidores do La Caza, apenas tivessem surgido no final do século XIX, altura em que o ciclismo ganhou particular destaque no panorama desportivo europeu, levando à fundação do Le Velocipedia, La Bycicleta, El Veloz-Sport e El Deporte Velocipédico, entre 1891 e 1895.

A década de 1920 deu o mote para o aparecimento de cada vez mais jornais desportivos um pouco por toda a Europa, focados principalmente nas modalidades do futebol, ténis, boxe e automobilismo. Na Alemanha, os primeiros periódicos desportivos foram o Der Kicker e o Fußball und Leichtathletik, revistas lançadas em 1920 com o propósito de noticiar a atualidade desportiva do futebol alemão, revela Ferreira (2017).

³ Os anos colocados em parêntesis após um jornal são a sua respetiva data de fundação

⁴ Especialização do trabalho jornalístico virado para uma cobertura transversal de todo o campo desportivo

Ferreira (2017) acrescenta ainda que o automobilismo era o “desporto da moda” na década de 1930, o que levou ao aparecimento de vários jornais europeus dedicados à cobertura deste desporto ao longo do período. “(...) na Itália apareceu o L’Auto Italiana (1927), na Bélgica o Le Commerce Automobile Belge (1928) e na França o Auto et Sports (1922-1931)” (p.3).

Os dois grandes conflitos bélicos que assolaram a Europa no século XX, apesar de terem atrasado, não impediram o inevitável crescimento do jornalismo desportivo, que continuou o seu processo de evolução e até viu atuais jornais de referência nascerem, casos de, na Espanha, a Marca (1938), na França, o L’Équipe (1946) e dos conhecidos jornais portugueses A Bola (1945) e Record (1949), que serão abordados mais à frente.

A segunda metade do século coincidiu com a ascensão da rádio e da televisão, que vieram contribuir e muito para a subida de qualidade do material noticioso produzido, ajudando ainda no aumento da sua difusão e à possibilidade do imediatismo nas notícias. No que toca à rádio, a primeira cobertura radiofónica de um evento desportivo teve lugar em solo argentino, em setembro de 1923, quando o jornal La Nación difundiu um combate de boxe a partir da Radio Cultura. No mesmo ano, a Europa seguiu o exemplo argentino, “os estúdios radiofónicos da Radiola, em Paris, também decidiram fazer o relato do combate entre os famosos pugilistas Carpentier e Nils”, de forma indireta, uma vez que relatos ao vivo ainda não eram uma possibilidade na altura (Pinheiro, 2009, p.318). O aparecimento da rádio não foi encarado com ânimo pelos jornais desportivos, que viram o meio como um concorrente e não como uma ferramenta complementar ao seu próprio trabalho, mas “esta resistência foi-se dissipando aos poucos e rapidamente a rádio e imprensa começaram a colaborar na cobertura de grandes eventos desportivos” (Nogueira, 2016, p.19). No plano nacional, foi no início da década de 1930 que as parcerias entre rádios e jornais desportivos foram para a frente, com o primeiro relato desportivo português a ter lugar em janeiro de 1935, altura em que o CT1HZ cobriu um encontro futebolístico entre a Associação Académica de Coimbra e o União de Coimbra.

Já a primeira cobertura televisiva de um evento desportivo ocorreu nos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim. Portugal ainda precisou de mais um par de décadas para que se desse seguimento a esse marco, o que sucedeu em 1958, aquando de um jogo particular de futebol entre o Sporting CP e o FK Austria Wien, no qual ocorreu a primeira transmissão televisiva desportiva portuguesa, com a RTP a ser responsável pelo inédito feito. A partir da década de 1980, começaram a ser instaladas as bases para a sociedade moderna do século XXI, em que as edições impressas em papel, a rádio, a televisão e a internet se conjugam para conferir uma multiplicidade de plataformas nas quais o jornalismo desportivo se pode desenvolver ao mesmo ritmo que o jornalismo tradicional, sendo hoje

um campo caracterizado por uma alta rapidez e instantaneidade na publicação de notícias, assim como por uma extrema proximidade com o seu público na transmissão dos conteúdos.

2.2 Os primórdios do jornalismo desportivo português

As primeiras referências a desporto dentro do jornalismo português começaram a surgir no século XIX. Entre 1836 e 1840, conteúdos desportivos foram abordados nos jornais *Recreio* (Lisboa), *O Toureiro* (Lisboa), *O Piloto* (Coimbra), *O Ramalhete* (Lisboa), *O Atleta* (Lisboa), *O Atleta* (Porto), *O Recreativo* (Lisboa) e *A Lança* (Lisboa), mas Pinheiro (2009) reitera que todos estes jornais eram de índole política, longe de serem especializados em desporto. O autor prossegue, explicando que, até 1860, “a política manteve-se como tema dominante e principal motivação para o surgimento de periódicos, continuando a aparecer títulos com terminologia que poderia sugerir a publicação de noticiário desportivo” (p.51).

O ano de 1865 marcou o nascimento do primeiro jornal noticioso generalista português, o *Diário de Notícias*, um acontecimento que assinalou a instalação da imprensa informativa em solo luso, mas a representação desta no panorama desportivo ainda estava para vir. Quando comparado com Inglaterra, França e até Espanha, Portugal atrasou-se consideravelmente em acompanhar os seus respetivos avanços no que toca à imprensa desportiva, mas na década de 1870, conseguiu dar um tímido início à mesma, muito graças à elite lisboeta, que segundo conta Pinheiro (2009), “nas ocasionais deslocações a Paris, observava as formas de lazer da elite local, imitando-as no seu regresso a Lisboa, embora de forma episódica e passageira” (p.53).

Em 1875, e com a caça e a tauromaquia a serem consideradas modalidades desportivas, surgiu em Lisboa o *Jornal dos Caçadores*, o primeiro periódico de teor desportivo em Portugal. Dirigido para a elite lusa, única classe com posses para praticar a caça, o diário lançou apenas seis edições, sendo sucedido no ano seguinte por *O Toureiro*, um jornal que, tal como o nome indica, focava-se na tradicional atividade da tauromaquia. Publicou 88 edições e durou até 1892. Na década de 1870, altura em que se deu o auge da promoção da ginástica dentro do sistema de educação, que passou a estar a cargo das autarquias, Pinheiro (2009) destaca que, Paulo Lauret, professor de ginástica empregue pela Escola Moderna em Lisboa, lançou em 1878, “o primeiro periódico dedicado à ginástica e à educação física em Portugal” (p.55), denominado de *O Gymnasta*, que

contava exclusivamente com correspondentes nacionais, fixados no Porto, Tomar, Évora e Alenquer e também abordava modalidades como a esgrima e o tiro com arco.

O periódico, à semelhança dos seus precursores, durou menos de um ano até cair. Paulo Lauret ainda tentou por mais duas vezes, ao longo da década de 1880, que o projeto tivesse mais sucesso no Porto, mas não conseguiu. Em 1883, surgiu ainda na cidade Invicta o quinzenário *A Caça*, que, segundo salienta Pinheiro (2009), destacava-se por explicar definições de termos próprios da modalidade, um aspeto que “passaria a ser comum em quase todas as publicações periódicas desportivas” (p.57), já que o virar do século XX iria trazer o interesse pelo mundo do desporto a Portugal. No entanto, a publicação, que ainda cobria ginástica e tauromaquia, também só teve uns meses de existência, sendo cancelada em 1884. Para o seu lugar, surgiu em 1890 a revista semanal portuense *O Toureiro*, que também falhou em ter sucesso prolongado, assim como os seus homólogos lisboetas *A Bandarilha* (1888) e *O Toureiro Portuguez* (1890).

Entre as décadas de 1880 e 1890, o ciclismo tornou-se no desporto-rei na Europa, principalmente na França, o que motivou o aparecimento de vários periódicos dedicados a esta modalidade, moda a que Portugal, apesar de ter aderido mais tarde, não ficou indiferente. Ao longo da década de 1890, surgiram várias publicações lusas dedicadas ao ciclismo, casos de *O Velocipedista*, fundado no Porto em 1893, que foi o primeiro jornal de teor desportivo em Portugal, sendo ainda pioneiro em ter alargado a sua oferta noticiosa a mais do que uma modalidade. *O Velocipedista* ganha especial destaque tendo em conta que serviu como “uma espécie de rampa de lançamento para que, a partir da sua criação, vários outros jornais invadissem o panorama da informação desportiva”. (Ferreira, 2017, p.51)

2.3. Futebol dá entrada em Portugal

A derradeira década do século XIX coincidiu ainda com a chegada de uma nova modalidade a Portugal: o futebol. Com o primeiro jogo a ter decorrido em Cascais, em 1888, o desporto começou a ser mencionado em inéditas secções desportivas de jornais generalistas como o *Diário Ilustrado* (1872) e o *Diário Popular* (1866), que criou a sua primeira secção dedicada ao desporto em 1894, numa novidade também aderida por *O Século* (1881) e *A Tarde* (1888).

Pinheiro (2009) destaca mesmo o ano de 1894 como a data que assinalou “a chegada de um novo género de periódico: o jornal generalista desportivo” (p.65). Com as anteriores publicações a serem especializadas em uma única modalidade, sendo apenas exceção *O Velocipedista*, surgiu neste ano o primeiro periódico desportivo generalista português, criado em Lisboa sob a nomenclatura de *O Sport*.

Ainda assim, *O Sport* apenas conseguiu publicar quatro edições até se extinguir. Em 1897, surgiu o seu descendente, um semanário lisboeta com o mesmo nome e as mesmas características, mas sofreu o mesmo destino, fruto da inexistente cultura desportiva na sociedade portuguesa da altura, que nas palavras de Pinheiro (2009), era dominada por uma “ideia de inutilidade à volta do desporto” (p.69). Com o virar de século, o desporto começou a enraizar-se, aos poucos, dentro da sociedade lusa, que assistiu a uma evolução no panorama do jornalismo desportivo.

Os periódicos lisboetas *O Tiro Civil* (1895) e a *Revista de Sport* (1898) foram protagonistas de uma fusão nunca antes vista em solo luso que, em 1904, deu origem ao *Tiro e Sport*, uma publicação desportiva generalista que, segundo explica o autor, trabalhava pela “promoção do desporto e da educação física na sociedade portuguesa, assim como pela diversidade das temáticas desportivas abordadas” (p.97) e que partilhou o domínio do jornalismo desportivo generalista com o periódico lisboeta *Os Sports Ilustrados* (1910), até à extinção de ambos, ocorrida em 1913. Em 1905, nasceu também o periódico bissemanário *Os Sports*, que se destacou pela “forte campanha a favor da democratização do desporto em Portugal” (p.108), importante para o enraizamento do futebol na sociedade lusa. Apesar do seu grande contributo para a evolução do desporto dentro da sociedade, *Os Sports* acabaria por fechar portas em 1909.

No que toca ao futebol, a fundação de alguns dos maiores clubes nacionais, como o Sport Lisboa e Benfica em 1904 e o Sporting Clube de Portugal em 1906 na capital, e ainda o Futebol Clube do Porto em 1893 e o Boavista Futebol Clube em 1903 no norte do país, potenciaram o crescimento da cobertura jornalística desta modalidade, vista como um motor de força adequado para a necessária ampliação da prática desportiva a círculos sociais exteriores às elites, devido à sua “simplicidade das regras e do equipamento necessário” (p.108). Também a tauromaquia e o automobilismo levaram à criação de vários semanários especializados na segunda metade da década de 1900, mas as secções desportivas dos grandes jornais generalistas do país (Diário de Notícias e O Século) continuavam a ser as maiores fontes de informação acerca da atualidade desportiva nacional e internacional, apesar do fraco destaque que lhes era dado.

Neste período, o autor refere que, em Portugal, “o fenómeno desportivo ainda estava numa fase muito embrionária”, enquanto, em Inglaterra, “o desporto era já um facto social dominante” e, na França, “o movimento desportivo, enquanto fenómeno social, encontrava-se igualmente consolidado” (Pinheiro, 2009, p.127-128). Neste panorama, e aquando da desintegração do Tiro e Sport e d’ Os Sports Ilustrados em 1913, surgiu a publicação O Sport Lisboa, propriedade do clube de futebol Sport Lisboa e Benfica. Apesar desse aspeto, o periódico, desde o momento da sua criação, fez o máximo para afastar-se da sua entidade patronal, focando-se na cobertura desportiva generalista e fazendo uso da “estabilidade editorial e qualidade gráfica” para se tornar no “periódico desportivo que mais espaço noticioso dedicou à Primeira Guerra Mundial”, segundo Pinheiro (2009, p.145).

Em 1914, surgiu na capital um capacitado rival para O Sport Lisboa, denominado Jornal de Sport. Ligados nas doutrinas, ambos os periódicos acabariam por celebrar uma fusão em 1915, dando origem a O Sport de Lisboa, que passou a reger o jornalismo desportivo da altura, juntamente com as secções desportivas dos jornais generalistas Diário de Notícias, O Século e A Capital.

A hegemonia d’O Sport de Lisboa permaneceu-se indiscutível até 1919, ano em que surgiu Os Sports. A partir de 1921/22, e muito graças à realização do primeiro Campeonato de Portugal, antecessor da primeira divisão do futebol português, começou-se a assistir à normalização da criação de jornais desportivos generalistas um pouco por todo o país, deixando este género de pertencer exclusivamente à capital. Exemplo disso são o Figueira Sport, criado em 1921 na Figueira da Foz, o Sport Setúbal, estabelecido no mesmo ano na cidade do Sado e O Sul Desportivo, originário de Faro. No norte de Portugal, após várias tentativas frustradas de estabelecer uma publicação desportiva de foro generalista que se conseguisse manter viva por mais do que uns meses, em 1921 foi

criada a revista *Sporting*, que haveria de se fixar como uma marca de referência portuense no campo durante várias décadas, juntamente com o *Invicta Sport*, estabelecido no mesmo ano.

Com um panorama favorável à instalação do primeiro jornal diário desportivo português, surgiu em 1924 o *Diário de Sport*, sediado no Porto, por iniciativa do fundador do *Sporting*, que assim como *Os Sports*, foi interrompido temporariamente de forma a abrir espaço para o sucesso do inédito projeto. No entanto, este teria vida curta, acabando por durar breves meses até ser substituído pelos periódicos anteriores à sua existência, encontrando-se ainda em vigor também *Os Sports de Lisboa* e os recentes periódicos desportivos regionais, que continuaram o seu processo de crescimento um pouco por todo o país, graças ao cada vez maior sucesso do futebol, sendo que *A Voz Desportiva*, fundada em Coimbra em 1926, o *Correio Desportivo*, nascido no Funchal no mesmo ano, e o *Angola Desportiva*, sediado em Luanda em 1930, aparecem em claro destaque pela sua longevidade.

Com *Os Sports* a estabelecer-se como o jornal desportivo lisboeta mais bem-sucedido dos anos 20, *Os Sports de Lisboa* foi perdendo gradualmente o fôlego, até ao momento do seu inevitável desaparecimento em 1932, data que assinalou a criação da revista *Stadium*, que se tornou concorrente direta d'*Os Sports* dentro do seio de Lisboa. No meio portuense, a revista *Sporting* continuou o seu percurso de exclusivo domínio no jornalismo desportivo portuense até 1934, apesar do surgimento de vários concorrentes que, à semelhança do que sucedeu na capital, tiveram pouco tempo de vida. Em 1935, surgiu *O Norte Desportivo*, também conhecido como simplesmente *O Norte*, um bissemanário que conseguiu a proeza de “atingir um nível de estabilidade editorial e financeira que só a revista *Sporting* patenteava na cidade do Porto”, sublinha Pinheiro (2009, p.277).

2.4. O trio A Bola, Record e O Jogo

Com o decorrer da Segunda Guerra Mundial, o jornalismo desportivo generalista português manteve-se dominado por estes quatro jornais/revistas de referência no país (Os Sports, Stadium, Sporting e O Norte Desportivo), apesar do inevitável golpe financeiro que o evento bélico provocou em toda a Europa e, conseqüentemente, no setor do jornalismo desportivo, obrigando a que estes órgãos tivessem de atravessar períodos de suspensão. Os Sports, dos quatro, foi quem mais sofreu com a guerra, acabando ultimamente por se extinguir em 1945, pondo fim a um notável percurso de 26 anos e “dando início a um novo projeto jornalístico, *O Mundo Desportivo*” (Pinheiro, 2009, p.340). Uma outra razão para a suspensão definitiva d’Os Sports foi a criação, em 1945, de um novo jornal bissemanário desportivo generalista em Lisboa, por Cândido de Oliveira, Ribeiro dos Reis e Vicente de Melo, que se mantém ainda hoje no topo da cobertura jornalística desportiva lusa, A Bola.

Desta forma e, após o fim do confronto bélico, A Bola, O Mundo Desportivo e a revista Stadium dominaram o monopólio do campo em plano nacional, uma vez que os seus concorrentes portuenses Sporting e O Norte Desportivo focavam-se- quase exclusivamente na região norte de Portugal.

Em 1949 e graças a Fernando Ferreira, José Monteiro Poças e Manuel Dias, nasceu também em Lisboa um semanário que haveria de se fixar como um dos pesos pesados do jornalismo desportivo português até aos dias de hoje, denominado Record. A vítima do nascimento (e posterior sucesso) do Record acabaria por ser a revista Stadium, que cessou funções em 1951, mesma data em que também a revista portuense Sporting terminou, pondo fim a um ciclo de 30 anos de atividade e acentuando o domínio do jornalismo desportivo nacional generalista d’A Bola – líder indisputado em termos de tiragens e vendas, O Mundo Desportivo e do Record (e, em menor escala, d’O Norte Desportivo, no Porto), que haveria de permanecer inalterado até à segunda metade dos anos 70. Depois da revolução de 25 de Abril de 1974, o jornalismo desportivo atravessou um período de crise “provocado pelo facto de, nesta altura, as pessoas se preocuparem mais com o estado social e político do país do que com questões desportivas”. (Aguiar, 2015, p.44)

Após a queda do regime ditatorial, a segunda metade da década de 1970 foi marcada por um “aumento dos custos de produção dos jornais, em todas as suas vertentes (concepção, composição e impressão)” (Pinheiro, 2009, p.467), um aspeto com repercussões sentidas até no monopólio do setor. A Voz Desportiva, o jornal em atividade mais antigo da altura, tendo sido inaugurado em 1926 e constituindo-se como um dos mais bem-sucedidos no panorama regional, acabou por sucumbir às dificuldades financeiras em 1975. Neste período, A Bola continuou a acentuar a sua liderança em termos de vendas e tiragens, sendo que, na década de 1980, também se assistiu à subida do Record, que conseguiu ultrapassar O Mundo Desportivo e fixar-se como o “segundo periódico desportivo do País”, nas palavras de Pinheiro (2009, p.484).

Se A Bola e o Record assistiram a uma subida de produção neste período de crise para o setor, o mesmo não pode ser dito d'O Mundo Desportivo que, envolto em instabilidade interna e financeira, viu-se obrigado a fechar portas em 1980, finalizando um percurso de excelência no jornalismo desportivo português que se alongou por 35 anos. No que toca a O Norte Desportivo, o bissemanário também atravessou um período negro, fruto da instabilidade financeira que, aliada ao surgimento de um jornal rival no Porto em 1981, denominado Gazeta dos Desportos, ditou que o jornal terminasse suspenso de forma definitiva em 1983 (o autor explica que “o novo *O Norte Desportivo*” que surgiu em 1994 não tinha “qualquer traço identitário do antecessor, a não ser o título”).

Com a extinção d'O Norte Desportivo, a Gazeta dos Desportos passou a deter o monopólio do jornalismo desportivo português até 1985, data que assinala o nascimento do diário O Jogo, sob a direção de Serafim Ferreira, que rapidamente se consolidou como uma marca de referência que partilharia o topo do panorama do jornalismo desportivo nacional com A Bola, o Record e a Gazeta dos Desportos.

Nos anos 90, A Bola, líder absoluta em vendas e popularidade no setor e que até à altura lançava quatro edições semanais, passou a considerar a passagem para um regime diário, decisão que levou para a frente em 1995, data em que assinalou o seu 50º aniversário. Aproveitando a mudança histórica levada a cabo pelo seu principal rival, o Record, que também tinha vindo a assistir a uma subida nas suas vendas durante a década, decidiu nesse mesmo ano tomar a mesma decisão.

O Jogo, por sua vez, lidou com várias dificuldades de vendas entre o fim da década de 1980 e o início dos anos 90, sendo obrigado a abandonar o regime diário, no qual foi pioneiro em obter sucesso em Portugal, e a adotar temporariamente regimes trissemanários e pentassemanários a partir de 1992.

Com uma profunda alteração interna pelo meio, na qual O Jogo passou a fazer parte da Jornalinveste, SA, do grupo Controlinveste, e beneficiando de um avultado investimento por parte dos seus novos donos, o jornal haveria de mudar toda a sua dinâmica, abandonando a antiga diretriz que o fixava apenas como um meio de informação desportivo para a região norte. Desta forma, O Jogo voltaria a constituir-se como um diário nacional em 1994 e direto concorrente para os líderes de vendas nacionais, A Bola e o Record.

A Gazeta do Desporto, assistindo à subida de exigência a que os seus concorrentes se haviam proposto, também decidiu adotar um regime diário em 1995, mas ao contrário destes, não teria um futuro risonho no seu horizonte. Fruto de instabilidade editorial e fracas tiragens, a Gazeta do Desporto seria suspensa definitivamente nesse mesmo ano, “levando a que o mercado dos jornais desportivos generalistas, de cariz nacional, ficasse resumido ao trio diário *A Bola-Record-O Jogo*”, destaca Pinheiro (2009, p.528). O facto de, até aos dias de hoje, os três jornais se manterem incontestáveis na liderança do setor demonstra bem a profunda implantação do desporto enquanto espetáculo e, por conseguinte, do jornalismo desportivo na sociedade portuguesa. A partir do momento em que o trio se entranhou na cultura lusa (graças a um já mencionado papel determinante do futebol neste processo) e, apesar de países europeus como França, Espanha e Bélgica deterem um número superior de jornais desportivos, a consolidação e a já longa história destes três órgãos não tem deixado margem para o surgimento de concorrentes diretos no jornalismo impresso em Portugal, ainda que no meio online existam outros órgãos informativos desportivos, como o Zerozero.pt ou o Maisfutebol.

2.5. Futebol *versus* outras modalidades

Naturalmente, o surgimento de outros meios de comunicação foi acompanhando a evolução do jornalismo desportivo ao seu próprio ritmo, “sempre sob o olhar atento e crítico da imprensa periódica” (Pinheiro, 2009, p. 499). Voltando uns anos atrás, o autor refere que foi a partir de meados da década de 1910 que o futebol passou a merecer o estatuto de desporto-rei em Portugal, muito graças à popularidade dos “três grandes” (Benfica, FC Porto e Sporting) e ao papel amenizador de conflitos que a seleção nacional tinha nesse período. Esse estatuto foi consolidando-se e aumentando com a evolução da imprensa especializada e com os próprios clubes a criarem boletins informativos que facilitavam a difusão da sua atualidade desportiva. Com a cultura futebolística a enraizar-se na sociedade portuguesa, as outras modalidades foram perdendo destaque progressivamente. Neste âmbito, Fernandes (2011) efetua uma análise de conteúdo relativa ao número médio de páginas d’A Bola, Record e O Jogo ocupado pelo futebol quando comparado com as restantes modalidades em três anos distintos: 1999, 2004 e 2009. Utilizando essa análise como base, fica fácil entender o quão destacado está o futebol em relação às outras modalidades, numa tendência que se mantém, mais de uma década depois da pesquisa da autora.

Em 1999, a média de páginas ocupada pelo futebol nos jornais A Bola, Record e O Jogo foi, respetivamente, 32,9, 31,1 e 30,3. Em contraste, as restantes modalidades mereceram 7,1, 8,1 e 8 páginas em cada um dos diários desportivos. Cinco anos depois, numa data que coincidiu com a inédita realização do Campeonato da Europa de futebol em Portugal, o que naturalmente causou um ainda maior aumento de atenção mediática à modalidade, o futebol aumentou a sua presença no número de páginas d’A Bola, Record e O Jogo em, respetivamente, 1,9, 0,7 e 3,9 páginas, enquanto as restantes modalidades baixaram ainda mais a sua já tímida presença, com uma média de 5,7, 5,3 e 5,7 páginas nos três jornais. Em 2009, dez anos depois da primeira análise, a autora revelou que existiu um aumento médio de páginas dedicadas às outras modalidades que não o futebol no jornal A Bola, que passou a ter uma média de 6,5 páginas, ao passo que no Record e n’O Jogo, a tendência decrescente voltou a acentuar-se, com médias de, respetivamente, 4,3 e 5,2 páginas. No que toca ao futebol, os dados recolhidos por Fernandes (2011) revelam uma descida da sua presença nas páginas dos três jornais em 2009, mais especificamente em 1,2 páginas n’A *Bola*, 2,9 no Record e 5,4 n’O Jogo, mas a autora esclarece que essa descida se deveu a uma redução geral no número total de páginas de cada um destes jornais. Não querendo focar a presente investigação na dicotomia futebol *versus* outras modalidades, parece evidente que o primeiro detém um domínio

incontestado no panorama do jornalismo desportivo português, sem nenhum rival que se equipare, seja em termos de interesse do público, seja em termos de capacidade financeira para atrair visibilidade.

2.6. A influência da TV e da internet na prática desportiva

Não é novidade para ninguém que atualmente o desporto e, em especial foco, o futebol geram receitas astronómicas para as televisões que conseguem assegurar os preciosos acordos de transmissão. A história do jornalismo desportivo elucida bem a relação interdependente entre o desporto, os media e a própria sociedade, mas com o surgimento da televisão como meio de transmissão e informação, essa relação subiu ainda mais de tom e revolucionou não só a prática desportiva, como também o modo como os intervenientes se apresentam em público. Pinheiro (2009) elucida que, a partir do biénio 1983-1984, “o conceito «desporto-espetáculo» impôs-se e a ideia de herói desportivo «aproximou-se de novo à figura tipológica interessada antes de tudo por si mesma e pela apresentação da sua “personalidade”»” (Eisenberg, 1999, citado em Pinheiro, 2009). Os atletas passaram de jogar exclusivamente em prol do sucesso desportivo para também serem influenciados pela forma como são retratados na imprensa e, assim sendo, adaptam certos comportamentos ou influenciam a sua postura/aspecto só para a câmara e para o público. No meio de tantos exemplos, surgem à memória o inesquecível penteado, rapado na parte de trás, de Ronaldo Nazário no Mundial de 2002, feito porque o avançado queria desviar a atenção mediática de uma lesão que o punha em dúvida para o encontro inaugural do Brasil na competição, ou ainda a clássica celebração “Siiiiii” de Cristiano Ronaldo, adotada quando venceu a sua terceira Bola de Ouro e que é replicada na maioria das vezes que o internacional português marca um golo, assim como os momentos em que jogadores, na altura de festejarem, tiram a camisola e dedicam um tento a algo ou alguém diante das câmaras. Todas estas decisões decorrem da elevada presença mediática que as televisões proporcionaram com o seu aparecimento e inclusão no seio desportivo, algo que a internet veio a aumentar, elevando o número de espetadores, atenção mediática e receitas produzidas a valores nunca atingidos.

A internet permitiu que a maioria do Mundo, independentemente da altura ou lugar, possa assistir a desporto de uma forma instantânea e imersiva. Todos os movimentos de quem está sob o foco das câmaras é escrutinado sem paragens e muitas das vezes até acontecimentos banais do desporto são alvo de destaque mediático, como discussões momentâneas entre treinadores e atletas.

Dessa forma, por mais que os intervenientes tentem ainda conservar um mínimo de privacidade, como quando os jogadores tapam a boca com as mãos enquanto dirigem palavras a colegas, árbitros ou adversários, de forma a que seja impercetível entender o que estão a dizer, os media têm um efeito incontornável na sua realidade, não existindo escapatória possível ao mesmo. O próprio jogo acaba por ser condicionado em função dos media, especialmente no futebol, veja-se os horários que a Federação Portuguesa de Futebol atribui às equipas de maior calibre. É impensável que jogos do Benfica, FC Porto ou Sporting sejam transmitidos ao mesmo tempo, tirando em competições europeias. Outro exemplo é quando os jogadores são admoestados com cartões amarelos caso tirem a camisola, devido às marcas que patrocinam as equipas terem pagado para que o seu logótipo esteja visível no seu equipamento durante toda a duração do encontro e, especialmente, em caso de golo, devido a ser uma altura onde as câmaras focam todas num só jogador.

São inúmeros os casos que exemplificam a influência dos media no desporto atual, mas o que é certo é que ambas as partes saem a ganhar dessa interdependência. Se as federações, clubes e atletas ganham financeiramente com os acordos que são feitos para as televisões, rádios e jornais proporcionarem a transmissão e informação da prática desportiva, assim como com as marcas que, decorrente dessa transmissão, também injetam capital no setor em prol da publicidade, também os media beneficiam do interesse do público para subsistir e gerar receitas, sejam elas em forma de audiências, visualizações no meio online, número de ouvintes ou assinaturas/compras de jornais.

Capítulo 3. Particularidades do jornalismo desportivo

“Há alguns anos, não muitos, o jornalismo desportivo era aceite, no máximo, como de segunda divisão” (Sobral e Magalhães, 1999, p.7). É esta a premissa, em nada incorreta, que motivou a redação deste capítulo. O jornalismo desportivo sempre foi visto como o primo menos inteligente do jornalismo generalista tradicional. A própria história do campo não omite o seu período mais negro, onde inclusive os próprios jornalistas desportivos foram vítimas e também responsáveis por episódios condenáveis que apenas mancharam a débil reputação que a sua profissão já detinha. Um dos casos mais gritantes desse período conturbado do jornalismo desportivo em Portugal remonta a julho de 1926, quando “o jornalista de Os Sports, Reinaldo Silva Monteiro, especialista em esgrima, foi esbofeteado nas ruas de Lisboa pelo esgrimista Mário de Noronha, alvo de algumas críticas na secção de esgrima do jornal lisboeta” (Pinheiro, 2009, p. 228).

Com o avançar dos anos, a credibilidade do campo foi subindo à medida que também as condutas e trabalhos dos profissionais foram consolidando o seu contributo para a informação do público no que toca à atualidade desportiva nacional e internacional, ainda que, “em Portugal, só em Janeiro de 1975 os profissionais da informação desportiva foram equiparados “aos restantes colegas da imprensa diária, reconhecendo-lhes o direito a uma carteira profissional e ao estatuto de jornalistas” (Pinheiro, 2009, citado por Nogueira, 2016, p.16). No entanto, continua a existir uma separação entre o jornalismo tradicional e o jornalismo especializado em desporto, apesar de ambos se regerem pelas mesmas normas deontológicas e incluírem o porte da carteira profissional para o exercício da profissão, com o segundo a deter certos aspetos próprios que irei procurar descortinar.

Apesar da separação entre o jornalismo generalista e o desportivo, um ponto que tem de ficar assente *a priori* é que, segundo Luís Sobral e Pedro Magalhães, “as diferenças são menores que as semelhanças” entre ambos. Tanto num campo como no outro, é necessário que o jornalista saiba separar as suas ideologias e convicções pessoais, as chamadas “ideias preconcebidas” (p.38), do seu trabalho.

O esquema da pirâmide invertida, a máxima de que quantidade não significa qualidade e que ser direto e conciso é o melhor caminho a seguir na redação de uma notícia, a relação com as fontes de informação e as restantes regras da escrita jornalística, tudo isso também se aplica no jornalismo desportivo, assim como os vários géneros jornalísticos.

Onde reside a diferença entre ambos, assim sendo? Ora, um dos maiores aspetos que separa um jornalista generalista de um jornalista desportivo é a pressão a que o segundo está sujeito na relação com os próprios leitores.

Ainda que no jornalismo generalista seja aconselhado aos profissionais da área que estejam, ainda que de uma forma mínima, a par de todos os assuntos que dominam a atualidade, no jornalismo desportivo essa necessidade de conhecimento sobre o que se está a escrever assume proporções consideravelmente maiores, isto porque segundo um jornalista desportivo britânico, identificado apenas como Alan, citado por David Charles Rowe, “os entusiastas de desporto não toleram erros” (2003, p.42).

“Se estás a oferecer informação estatística, tens de estar em cima do assunto, tens de acertar, porque é garantido que, se errares, alguém irá notar. Só tem de acontecer um par de vezes e serás conhecido como a pessoa que erra sempre, que é incapaz de acertar. Portanto, tens de viver e respirar o assunto, tens de estar sempre munido de factos”.

Quer esta descrição dizer que um jornalista desportivo é obrigado pela sua profissão a dominar o assunto sobre o qual está a escrever. Uma mera troca de informação, por exemplo, sobre o valor da cláusula de rescisão ou duração de contrato de determinado jogador, já é mais que suficiente para gerar uma onda de críticas ao autor na secção de comentários da respetiva notícia, o que naturalmente afetará a credibilidade do mesmo caso esse cenário se repita por mais do que uma vez, mesmo que mais tarde os erros sejam retificados. Outra diferença que é pertinente assinalar é a maior expressão e liberdade que os jornalistas desportivos detêm na escrita de determinada história. Uma vez que é a prática desportiva o que está em foco no seu trabalho, um jornalista desportivo tem de conseguir descrever o melhor possível o que aconteceu em determinada partida e ainda entrelaçar a sua capacidade de observar e recolher informação com o poder, que lhe está convencionalmente atribuído, de fazer as suas avaliações subjetivas. Desse modo, entende-se que a tal liberdade que os jornalistas desportivos detêm pode ser encarada como algo positivo, mas não deixa de ser uma necessidade para o trabalho e, quem não é capaz de lidar com a mesma, dificilmente estará apto para elaborar algo como uma crónica de jogo de qualidade.

Quem teve a melhor entrada no jogo, a abordagem do adversário, momentos-chave que tenham influenciado o rumo da partida, efeitos das substituições, circunstâncias em que surgiu o momento que selou o resultado final, a postura dos intervenientes, a sua atuação em campo, incluindo a equipa de arbitragem, tudo isto são assuntos que um jornalista

desportivo tem de conseguir exprimir da forma mais apelativa possível ao público, algo que implica, no mínimo, uma capacidade de escrita acima da média, para além de conhecimento profundo sobre o que se está a escrever.

Regressando à premissa que originou este capítulo, relativa à má reputação que o jornalismo desportivo acarreta, importa tentar descortinar as razões da sua existência. Muito do estereótipo que rodeia a área resume-se pela constatação popular de que os jornalistas desportivos são profissionais com vários privilégios e poucos (ou mesmo nenhuns) deveres, que não são influenciados por quaisquer limites éticos e que, na sua maioria, servem os interesses de determinados clubes (em Portugal, ainda são constantes os comentários nas redes sociais dos jornais desportivos contendo acusações de serventia a determinado clube, na quase totalidade das vezes, Benfica, FC Porto ou Sporting).

Enquanto a incorreta ideia de que os jornais desportivos não detêm qualquer independência no seu trabalho será abordada mais à frente, no capítulo que concluirá a análise de conteúdo efetuada ao jornalismo desportivo português, no que toca à ausência de deveres, algo tão simples como a descrição do trabalho por parte de Phil Andrews (2005, p.1) chega para desmentir essa falsa conceção:

“Trabalhos difíceis em prazos apertados, muito tempo despendido em pesquisa e preparação, adquirir a mesma densidade de conhecimento sobre o desporto que cobres do que o maior fanático dos teus leitores, ganhar a confiança de um grande número de contactos de jogadores, treinadores e administradores e a habilidade de escrever acertadamente e de uma forma que entretenha, numa elevada rapidez e muitas das vezes sob condições complicadas”.

O jornalismo desportivo, apesar de ter alguns aspetos próprios na forma como funciona, não passa de jornalismo. As tarefas são mais específicas, os assuntos que são noticiados também e a subjetividade está mais presente, devido a assentar na observação e avaliação de uma atividade física e competitiva, mas nenhuma destas particularidades apaga aquilo que é a essência do campo: informar com rigor e isenção. Assim sendo, não parece existir qualquer motivo que sustente a desvalorização do jornalismo desportivo dentro da área, pelo contrário, dado que a atividade é uma das mais rentáveis dentro do setor e, salvo condenáveis exceções, é dotada da mesma preocupação com os princípios que regem o jornalismo tradicional, devendo ser valorizada pelo contributo que oferece enquanto serviço público.

3.1. Opinião no jornalismo desportivo português

A opinião não é de todo uma particularidade do jornalismo desportivo, sendo utilizada em toda a esfera jornalística, mas apresenta-se ainda assim como uma característica bem mais familiar quando o tema em questão é desporto. Devido às características da atividade, é obrigatório que um jornalista, apesar de nunca poder desligar-se da objetividade requerida pelo ofício, seja obrigado a efetuar juízos de valor sobre a ação que se desenrola. Num lance específico em que um jogador dribla por três adversários e marca um grande golo, deve-se salientar o mérito do marcador ou criticar a abordagem dos defesas? O lance aconteceu num momento que se ajustava ao ritmo da partida ou sucedeu com surpresa, quando ninguém esperava? A equipa que sofreu merecia esse revés? Numa nota de 0 a 10, como avaliar a prestação individual de cada um dos jogadores que esteve em campo? A resposta a perguntas como estas só pode ser feita com base numa coisa: a avaliação subjetiva do jornalista. O modelo competitivo do desporto e a componente de ação individual que lhe está incluída exigem que o jornalista inclua um misto de opinião em muitos dos seus trabalhos, sendo o exemplo mais gritante as crónicas de jogo habitualmente publicadas nos jornais desportivos.

Se já no jornalismo genérico a opinião é um recurso recorrentemente utilizado para expor pontos de vista acerca de determinado tema, só faz sentido que o mesmo também aconteça no mundo do desporto, que não tem falta de tópicos pertinentes e adequados ao debate. A reflexão é um aspeto inegável da história do jornalismo desportivo e, como tal, decidi encetar num breve estudo comparativo da quantidade de opinião presente nos três diários desportivos portugueses. Foi assim efetuada uma análise de conteúdo às edições impressas do dia 20 de maio de 2021 (data escolhida de forma aleatória) dos jornais A Bola, Record e O Jogo, que visa comparar as respetivas diferenças no que toca ao recurso à opinião e, ao mesmo tempo, explicar a razão da sua presença.

Começando pelas primeiras páginas destes jornais, a opinião apresenta-se imediatamente como um aspeto-chave d'A Bola, onde pode-se ler as seguintes frases com patente pesar opinativo aliado ao informativo e que são relativas à última partida do Sporting para a edição 2020/21 do campeonato frente ao Marítimo, que terminou com uma vitória leonina por 5-1: “O final perfeito para uma época de sonho: goleada e mais este troféu individual”; “Plata fechou a contagem com goloço num jogo que marcou a despedida de João Pereira”. Nestas frases, o jornal elogia a exibição e a época do Sporting, tal como o adjetivo “perfeito” e “de sonho” o demonstram.

A expressão “golaço” também pode ser considerada como de cariz subjetivo, uma vez que outras pessoas podem decretar o lance como nada de especial. A posição de jornalista torna o profissional numa espécie de juiz, é ele quem dita se determinada equipa ou personalidade merece elogios ou críticas após um jogo. Esse posto acarreta naturais benefícios, mas também uma certa fragilidade, na medida em que o jornalista se sujeita a possíveis contrastes de opinião na esfera pública, o que poderá resultar nas críticas tantas vezes expressadas em caixas de comentários e redes sociais.

Quanto à primeira página do Record, denota-se que a opinião, apesar de também marcar presença, não existe com tanta evidência. Com o destaque principal a ser, tal como n’A Bola, a vitória do campeão nacional Sporting no fechar do campeonato, não existem comentários destacadamente opinativos, sendo a componente informativa mais visível nas frases: “(Pedro Gonçalves) marca hat trick e junta Bota de Ouro a título de campeão”; “Há 25 anos que melhor marcador não era português”; “João Pereira despediu-se dos relvados”. No entanto, é de frisar que este dado apresenta-se como absolutamente circunstancial.

No que toca à primeira página do jornal O Jogo, as semelhanças são mais próximas com o jornal Record do que com A Bola, no sentido em que apenas existe um título com um claro peso opinativo, um dado que, refira-se, não é definitivo, podendo perfeitamente diferir na edição do dia seguinte de cada um dos jornais. Esse título foi colocado em menor destaque e dirigido ao resultado do Benfica: “Seferovic tentou mas ficou curto”. Aqui, o jornal salienta o esforço demonstrado na exibição do avançado suíço dos encarnados, que apesar de ter marcado dois golos na partida não conseguiu terminar o campeonato como melhor marcador, daí a qualificação de “curto”.

3.1.1. Opinião no jornal A Bola

Terminada a análise das primeiras páginas dos jornais, passo assim para o conteúdo da edição selecionada d'A Bola, na qual será extraída e explicada a opinião presente. Na página 2, encontra-se publicada uma análise da última jornada da temporada 2020/21 da Liga NOS, que para além de conter uma natural abordagem informativa, mistura-a com um reduzido valor de opinião. É exemplo de tal a primeira frase presente nesta análise: “Chegou ao fim a época mais louca de sempre do futebol português – da primeira à última jornada sem público devido à pandemia de Covid-19 – mas mesmo depois do apito final da consagração sportinguista, com goleada ao Marítimo a celebrar o título que há 19 anos fugia, ainda há, por certo, corações a bater acelerados.”.

O restante conteúdo da página é exclusivamente de cariz informativo. A fórmula em ação aqui não difere muito da usada em crónicas de jogo – o jornalista expõe o porquê de considerar a época como “a mais louca de sempre do futebol português”, falando ainda de uma temporada para mais tarde recordar do Sporting, que conquistou um campeonato que já escapava há quase duas décadas. A informação aqui exposta é utilizada como justificação a uma afirmação subjetiva, um aspeto recorrente no mundo do jornalismo desportivo e também visto no jornalismo generalista em artigos exclusivamente opinativos.

Na página 4, José Manuel Delgado escreve uma crónica de jogo sobre a vitória do Sporting por 5-1 frente ao Marítimo, na última jornada do campeonato. A crónica caracteriza-se por uma junção entre a vertente informativa com aspetos opinativos, o que dentro de um âmbito desportivo e de competição, é algo comum, como dito anteriormente. Dentro do patamar opinativo, destacam-se as frases: “Bastou-lhe (a Pedro Gonçalves) estar no sítio certo e fazer gala de uma frieza cirúrgica assinalável para ficar mais perto de fazer história.”; “A ideia que deu foi que o Marítimo, aliviado pela permanência entre os maiores, garantida na jornada anterior, se apresentou em Alvalade demasiado desconcentrado, e por vezes até muito desorganizado, para poder competir com o Sporting.”; “(...) ainda entrou em cena a profunda desinspiração de Charles, que cometeu um erro garrafal no terceiro golo leonino (...) e voltou a entregar o ouro no quinto tento verde-e-branco, ao deixar a bola a jeito para um soberbo chapéu de Gonzalo Plata”.

Destaque ainda para a presença de um breve comentário opinativo, da autoria do jornalista, sobre a atuação de Gustavo Correia, árbitro da partida, que, na sua ótica, mereceu uma avaliação de 6/10: “Procurou não complicar, mantendo um critério

disciplinar benevolente, ajudado pelo facto de não haver segundas intenções nas disputas de bola, neste jogo de lavar cestos. Deixou impressão positiva”.

Aqui apresenta-se a tal posição de juiz supramencionada, na qual o jornalista foi responsável por avaliar individualmente várias atuações, de jogadores a treinadores e até ao árbitro. Esta tarefa requer, para além de um conhecimento aprofundado sobre o campeonato português, as equipas e a modalidade em questão, que o profissional seja o mais objetivo possível na hora de avaliar subjetivamente os intervenientes, um paradoxo por vezes ingrato, mas que considero ser um dos mais valorizados pela área.

Na página 6, é feita uma avaliação individual, por parte de Mário Rui Ventura, a todos os jogadores do Sporting que entraram em campo frente ao Marítimo, sendo que Eduardo Marques se ocupou de fazer o mesmo em relação aos madeirenses.

Cada comentário é dotado de um elevado cariz opinativo, apesar de o fator informativo nunca ser eliminado, tal como exemplifica uma das várias avaliações: “Tomás Silva (nota 6/10) – Mais um premiado para a medalha, lançado aos 66’, alguns bons pormenores e o amarelo aos 79’”. Na página 9, o treinador Tiago Fernandes aplica uma análise geral à equipa do Sporting, sendo notória a pura existência da componente opinativa, o que não surpreende, não se tratasse de uma personalidade que não é jornalista e que pode ser considerada como especialista no meio futebolístico. Ainda dentro da página, é feita uma análise opinativa sobre a atuação da equipa de arbitragem, desta vez redigida por um antigo árbitro, Duarte Gomes.

Nas páginas seguintes, os mesmos moldes presentes na cobertura noticiosa do jogo entre Sporting e Marítimo foram aplicados para cobrir os jogos Benfica – Vitória de Guimarães e FC Porto – Belenenses SAD, estando presentes em ambos a mesma conjugação de informação com opinião na crónica de jogo, assim como as avaliações individuais e de cariz opinativo às prestações dos jogadores das respetivas equipas e árbitros participantes. A partir da página 22, surgem crónicas mais curtas dos restantes jogos que decorreram na última jornada do campeonato português, estando também sempre presente uma nota individual e opinativa sobre as atuações de cada jogador e de cada equipa. Não existem, no entanto, os juízos de valor de Tiago Fernandes e Duarte Gomes em relação, respetivamente, às prestações dos jogadores e árbitros destes jogos.

A partir da página 30, aparecem as secções respetivas à Segunda Liga (segunda divisão do futebol português), Futebol Internacional; Mais Desporto (engloba outras modalidades que não o futebol); Novidades Auto; A Bola TV, onde apenas as crónicas de jogo detêm o já referido aspeto opinativo aliado ao informativo, sendo que nestas secções desaparecem as avaliações individuais a jogadores e árbitros, puramente opinativas.

A opinião dentro do jornal A Bola apenas volta a surgir nas páginas 38 e 39 e logo em grande destaque. Estas duas páginas encontram-se identificadas como pertencendo à secção Opinião, o que só por si já dá a entender no que consiste o conteúdo presente. Nestas páginas, estão presentes crónicas de opinião, elaboradas por Henrique Monteiro, Fernando Urbano e António Simões, que consistem em desabafos/considerações acerca de, neste caso, o campeão nacional Sporting e o Benfica (exclusivamente abordado por Fernando Urbano).

Nota final para as várias notícias presentes ao longo desta edição d'A Bola, que não contêm qualquer aspeto opinativo, mas um cariz restritamente informativo, como o jornalismo assim o requer.

3.1.2. Opinião no jornal Record

Virando a atenção para o Record, na página 2 do jornal é feita uma ilação dos destaques da época 2020/21 da Liga NOS. Apesar de esta seleção ter sido designada como “Melhores Record”, o que por si sugere que são escolhas baseadas na opinião, os nomes escolhidos coincidem com os destaques eleitos pela Liga e são devidamente justificados com dados objetivos, pelo que existe mais foro informativo neste artigo do que propriamente opinativo. Na página 4, encontra-se redigida uma crónica de jogo da partida que opôs Sporting e Marítimo (5-1), da autoria de Rui Dias.

A crónica, à semelhança do que sucede no jornal A Bola, mistura opinião com informação, sendo que, no foro opinativo, destacam-se as seguintes frases: “Foi tudo muito fácil e convincente, porque ao acerto do novo campeão respondeu o adversário com uma entrada inexplicável, na qual juntou tudo o que uma equipa não deve fazer: passividade, desconcentração, más avaliações e todos os erros possíveis (técnicos, de posicionamento, de marcação); “(...) o Sporting viu criadas as condições perfeitas não só para construir a vitória, mas também exercer uma superioridade que chegou a ser escandalosa.”; “(...) o Marítimo juntou os cacós, começou por fim a jogar e tentou assim evitar males maiores do que aqueles de que se podia queixar (...)”.

Nota ainda para a designação do homem do jogo (Pedro Gonçalves), que foi acompanhada de um comentário opinativo sobre a atuação do médio ofensivo frente ao Marítimo: “Grande exibição de Pote, que fez o primeiro hat trick da época, sem o qual não seria o melhor marcador da Liga. Sensacional.” Aqui, mais uma vez denota-se o elevado recurso aos adjetivos para expor a excelente exibição do jogador e, em contraste, a falta de argumentos demonstrada pelo Marítimo no embate com o campeão nacional.

Na página 6, surge uma avaliação individual a cada um dos intervenientes do Sporting–Marítimo, à semelhança do que é feito no jornal A Bola, sendo que cada jogador é acompanhado de uma nota e de um comentário opinativo (alguns são meramente informativos, baseados em estatística) sobre a sua prestação em campo, tal como demonstra o exemplo: “Jovane (nota 4/5) – A primeira assistência para Pote foi boa; a segunda foi ótima. Só lhe faltou o golo para a noite ser perfeita. Teve ainda mais dois disparos.”.

Na página 8, Rui Malheiro efetua uma “Vista À Lupa”, sobre a exibição do Sporting, analisando taticamente a estratégia do treinador Rúben Amorim para o jogo e ainda descortinando os vários momentos-chave do encontro, com algum recurso à opinião própria, apesar de se basear em informação decorrente do sucedido na partida.

Veja-se um excerto: “(...) Era, então, a vez de o guarda-rodas Charles assumir protagonismo com dois erros grosseiros. Primeiro, uma reposição deficiente sob pressão de Paulinho permitiu uma recuperação alta de Daniel Bragança (...) Depois, ao falhar um pontapé após um atraso de Karo, o que valeu um dos tentos mais caricatos do exercício.”. Na página seguinte, destaque para quatro perguntas colocadas pelo jornal ao seu próprio diretor, Bernardo Ribeiro, acerca do último jogo do Sporting, às quais o chefe máximo do Record responde com recurso à própria opinião: “Amorim fez bem em não responder a Jesus na questão da hora dos jogos? A educação e delicadeza de Rúben Amorim são um enorme trunfo do Sporting. A questão é tão tonta que o melhor foi, de facto, não responder. Amigos como dantes.”.

Na página 10, Jorge Faustino e Marco Ferreira realizam uma análise a vários casos de arbitragem do jogo Sporting-Marítimo, apontando comentários opinativos acerca do lance em questão e da respetiva decisão da equipa de arbitragem, que recebeu ainda uma nota (3/5) selecionada a partir de um juízo de valor: “41’ - Fora-de-jogo. No momento do cruzamento de Rúben Macedo a isolar Alipour para o golo, este estava adiantado relativamente ao penúltimo adversário. Lance bem avaliado e anulado pelo árbitro assistente.”. Nas páginas seguintes, repete-se um procedimento semelhante ao realizado para a cobertura da partida onde o Sporting atuou, com a diferença de que, desta vez, o alvo da crónica de jogo foi o Benfica–Vitória de Guimarães, que terminou com uma vitória encarnada por 1-3.

Também se encontram presentes as classificações opinativas sobre os intervenientes da partida, assim como a “Vista À Lupa”, assente na avaliação tática da partida e seus momentos-chave, e, por fim, a avaliação de Jorge Faustino e Marco Ferreira de casos pontuais que envolveram decisões da equipa de arbitragem, avaliados com base na

opinião dos jornalistas, que terminam a sua avaliação com a designação de uma classificação entre 0 e 5 para a atuação do juiz da partida. Nota ainda para o jornal ter voltado a fazer quatro questões internas, desta vez ao editor Luís Avelãs, sobre a vitória do Benfica, tal como se pode evidenciar no seguinte excerto: “Gonçalo Ramos deveria ter jogado? Naturalmente. Tendo em conta a gestão e o facto de o jogador ter marcado dois golos recentemente (...) Esta não é a melhor maneira de motivar quem precisa de minutos.”.

Na página 18, segue-se uma crónica de jogo sobre o empate do Portimonense frente ao SC Braga (0-0), que tal como é costume, faz a mistura entre opinião e informação. A única diferença na cobertura deste jogo em relação aos restantes prende-se com a não-realização das outras componentes que foram abordadas para os jogos do Sporting e Benfica, existindo apenas uma curta nota opinativa sobre um caso isolado do encontro que envolveu uma decisão do árbitro: “Faltou cartão. Lucas Possignolo pisou Sporar e nem amarelo viu. O problema é que, pouco depois, noutra lance, viu o cartão amarelo... que daria expulsão.”.

Na página 19, respetiva à secção “Opinião”, apresenta-se uma crónica, da autoria do diretor-geral editorial do jornal, Octávio Ribeiro, em que um costa-marfinense se torna adepto do Sporting, num texto que inclui elementos opinativos: “Portugal era tão diferente de hoje, que uma e outra pergunta aos agentes policiais, depois de falar com a enigmática pessoa, permitiram esclarecer o que se passava e como resolver o impasse (...)”. Na mesma página, está incluído um artigo de opinião da autoria de Helena Pires, diretora-executiva da Liga Portugal, no qual esta faz um balanço opinativo sobre o desfecho da temporada desportiva: “(...) Temos tendência até algum exagero, e às vezes, incompreensivelmente, até nos inferiorizamos em relação ao resto da Europa de primeira linha.”. Finalmente, nesta página, surge ainda um “Frente a frente” entre dois jornalistas, com opiniões opostas acerca de um tema que, neste caso, diz respeito a se Otávio, médio do FC Porto, deve ser convocado por Portugal para o Europeu de 2020. Cada um apresenta a sua justificação para a razão da escolha, sendo perceptível que estas decorrem dos seus respetivos juízos de valor.

De seguida, é a vez da vitória do FC Porto frente ao Belenenses SAD (4-0) ser alvo de cobertura noticiosa, sendo que esta é idêntica às realizadas aos jogos que envolveram o Sporting e o Benfica, desde a análise individual aos intervenientes da partida, passando pela avaliação de momentos que envolveram a equipa de arbitragem, até à “Vista À Lupa”, onde as componentes opinativas já foram salientadas anteriormente. A partir da página 26, efetuam-se as coberturas dos restantes jogos da última jornada do campeonato português, sendo que estas, em termos de opinião, apenas a integram nas

crónicas dos respetivos jogos, à semelhança do que já tinha sido feito na cobertura do Portimonense-SC Braga. A partir da página 30, a Segunda Liga é o que está em destaque, existindo uma crónica de jogo do empate entre Académica e Vilafranquense, mais curta, mas com os mesmos aspetos das crónicas de jogo da primeira divisão.

Na página 31, o Record coloca em evidência a “Liga Record”, onde são salientados dois jogadores que “ganharam pontos” pelas suas exibições e outros dois que “perderam pontos”, num processo que é, naturalmente, subjetivo.

Também é efetuada uma eleição do “Onze da Semana” por parte do jornal, com base em escolhas que não são justificadas ao público. Seguem-se as secções “Internacional”, “Modalidades” (onde desportos que não o futebol são abordados), “Fora de campo” (onde é apresentado o guia de televisão de alguns canais generalistas e desportivos), “O Jogo da Vida” (com conteúdos exteriores ao desporto) e “A Fechar”, onde figuram os últimos dois elementos opinativos do jornal. Um deles é protagonizado por Sérgio Krithinas, diretor adjunto do Record, que escreve um artigo opinativo sobre, neste caso, a competitividade dentro da primeira divisão portuguesa. O outro consiste na atribuição de quatro medalhas (Ouro, Prata, Bronze e Lata) para quatro personalidades/equipas, com base na opinião de Luís Avelãs. Veja-se um destes: “Lata: Farense. O popular clube algarvio (a exemplo do que também aconteceu ao Nacional) está de regresso ao escalão secundário, após uma temporada dura e onde praticamente nada correu bem.”.

Nota final para as várias notícias presentes ao longo desta edição do Record, que não contêm qualquer aspeto opinativo, mas um cariz restritamente informativo.

3.1.3. Opinião no jornal O Jogo

Por fim, O Jogo. Na página 2, surge uma análise geral aos jogos da última jornada do campeonato, com especial atenção àqueles que resultaram em apuramentos para as competições europeias ou descidas de divisão. Esta análise, da autoria de André Morais, apresenta semelhanças com as crónicas de jogo, misturando opinião (em menor plano) e informação no retrato dos destaques da última jornada do campeonato. Ora veja-se um excerto, no qual a opinião é perceptível: “O Santa Clara celebrou com foguetes e festa rija o inédito apuramento europeu (...) ao mesmo tempo que destruía completamente o Farense, que precisava de vencer mas deu pouco de si.” Na página 4, inicia-se a cobertura noticiosa do jogo entre FC Porto e Belenenses SAD (4-0), na qual está presente a habitual crónica de jogo, da autoria de André Morais, decorrente do que foi a sua análise da partida. “(...) Ontem, a fechar, um Belenenses mais ousado do que é habitual ajudou a uma despedida serena mas feliz (...)”; “(...) Mas Grujic voltou a deixar água na boca, Taremi vai parar num excelente momento e aquela juventude dos últimos 20 minutos pode muito bem ser o futuro...”; (...) Evanilson até podia também picar o ponto, mas os números já eram exagerados que bastasse.”, são algumas frases onde se pode extrair uma clara componente decorrente de juízos de valor.

Na página 6, segue-se o “Tribunal O Jogo”, no qual Jorge Coroado, José Leirós e Fortunato Azevedo, de modo individual, efetuam avaliações opinativas acerca de lances pontuais no FC Porto-Belenenses SAD que envolveram a equipa de arbitragem: “8’, Penákti por assinalar por alegada mão na bola de Diogo Leite? Diogo Leite cabeceou a bola e esta resvala para braço esquerdo sem qualquer gesto do jogador naquele sentido”.

Na página seguinte, Cristina Aguiar redige uma avaliação individual e opinativa para os jogadores do FC Porto–Belenenses SAD que estiveram em campo, assim como o que sucede nos jornais A Bola e Record: “Marchesín (nota 6) – Com mérito, mas também com sorte à mistura, somou o 22º jogo sem sofrer. (...)”.

Na página 10, o mesmo procedimento anteriormente usado para noticiar o jogo do FC Porto é replicado para noticiar o desafio que opôs o Vitória de Guimarães e o Benfica (1-3), sendo replicada a crónica de jogo, a secção opinativa do “Tribunal O Jogo” e as avaliações individuais e opinativas às prestações de cada um dos intervenientes do jogo, acompanhados de uma classificação entre 0 e 10: “Trmal (nota 4) – Começou o jogo a errar e quase a dar o golo a Seferovic (10’), foi corrigindo, sem evitar o desaire.”. De seguida, surgiu a cobertura do Sporting–Marítimo (5-1), idêntica às anteriores.

A partir da página 21, são efetuadas as coberturas dos restantes jogos da última jornada da Liga NOS, sendo que apenas a notícia do Portimonense–SC Braga inclui uma avaliação individual opinativa, acompanhada de uma classificação sobre cada um dos jogadores das equipas que entraram em campo. Relativamente às restantes, sobressai a crónica do respetivo jogo, ligeiramente mais curta que as efetuadas sobre as partidas das três principais equipas do futebol português, mas onde continua a existir a já referida mistura entre opinião e informação. Nestas coberturas, destaque para a designação subjetiva de “A Figura”, uma consideração opinativa sobre quem foi o melhor jogador em campo, justificada com recurso a opinião e informação decorrente da atuação do jogador e a designação de uma classificação entre 0 e 10. Exemplo disso surge na cobertura do jogo entre Moreirense e Famalicão (3-0): “A Figura – Pires (nota 8): Uma exibição para recordar. Endiabrado, veloz e acutilante, o ala foi uma seta apontada à baliza famalicense e deixou a marca no dérbi, em dose dupla. (...)”.

Na página 28, atinge-se a secção “II Liga”, onde se encontra uma crónica de jogo sobre, neste caso, o encontro que opôs a Académica e o Vilafranquense (2-2). Mais curta do que as crónicas dos jogos da Primeira Liga, salienta-se a recorrente junção de opinião e informação. Encontra-se também presente uma avaliação opinativa sobre quatro “destaques” de cada equipa na partida, sendo cada uma acompanhada de um breve comentário opinativo acerca da sua atuação.

Veja-se o exemplo: “Vilafranquense – Eric Veiga: Não estive muito tempo dentro das quatro linhas, mas o suficiente para fazer toda a diferença. O golo de livre direto que assinou foi um golão.”.

Na página 32, inicia-se a secção “Internacional”, onde apresenta-se uma crónica de jogo sobre conquista da Taça de Itália pela Juventus, após uma vitória sobre a Atalanta por 2-1. A crónica apresenta as mesmas características de todas as crónicas de jogo presentes ao longo dos três jornais e é seguida por outra semelhante, referente à conquista da Taça de França pelo PSG, após triunfo sobre o Mónaco por 2-0. O último elemento subjetivo da edição surge na página final do jornal, onde existe um artigo de opinião da autoria de Jorge Maia, diretor-adjunto d’O Jogo, que redige um texto acerca do percurso de Sérgio Conceição como treinador do FC Porto.

Nota final para as várias notícias presentes ao longo desta edição d’O Jogo, que não contém qualquer aspeto opinativo, mas um cariz restritamente informativo.

3.1.4. Ilações sobre a análise da opinião nos jornais desportivos

De um modo geral, o conceito de opinião apresenta-se de forma recorrente nos jornais A Bola, Record e O Jogo, sendo um aspeto indispensável para o exercício da função, como explicado no início deste capítulo. Começando pelas primeiras páginas dos três diários, a opinião existe em todas (salvo raras exceções), sendo que esta é aliada à informação, de forma a que desperte a atenção e cause curiosidade ao leitor que a visualize.

Relativamente à opinião existente no conteúdo dos três jornais, existem algumas semelhanças, mas também certas diferenças. As semelhanças prendem-se com as crónicas de jogo, que se assemelham pela sua característica primária, ou seja, a mistura entre opinião e informação decorrente do sucedido nos encontros. Tratando-se de futebol, uma modalidade desportiva e, acima de tudo, competitiva, é natural que existam considerações opinativas dentro das crónicas de jogo, uma vez que estas estão dependentes da análise individual do jornalista sobre a partida em questão, que apesar de ser feita com um propósito profissional e objetivo, não deixa de ter de incluir uma componente subjetiva.

Avaliadas as crónicas de jogo, mais pormenorizadas e incidentes na prestação individual dos jogadores e equipas de arbitragem em jogos dos “três grandes” do que em partidas menos mediáticas que envolvam equipas fora da hegemonia do futebol português, resta comparar o restante conteúdo opinativo dos três jornais, que em certos casos é complementado com informação.

Assim sendo, conclui-se que o Record, entre as edições analisadas e comparadas, é o jornal que, de forma destacada, reuniu mais elementos opinativos, nomeadamente, os que se encontram presentes: nas suas crónicas de jogo; no comentário do “Homem do Jogo”; nas avaliações individuais dos intervenientes dos jogos; na “Vista À Lupa”; nas quatro perguntas internas que o jornal realiza para a cobertura dos jogos do Sporting, Benfica e FC Porto; na análise opinativa sobre a arbitragem dos jogos dos “3 Grandes”; na secção “Opinião”, que ocupa duas páginas; no “Frente a Frente” entre dois jornalistas com duas opiniões opostas sobre um tema; na “Liga Record”; na eleição do “Onze da Semana”; no artigo opinativo presente na secção “A Fechar” e, finalmente, na escolha para a atribuição das “Medalhas” de Ouro, Prata, Bronze e Lata.

De seguida, A Bola e O Jogo apresentam-se mais leves no seu conteúdo opinativo, sendo que entre os dois existe pouca diferença, podendo-se no entanto afirmar que, no âmbito desta análise, O Jogo foi o jornal que apresentou menos conteúdo opinativo. A Bola, em termos de opinião, conta com a presente nas crónicas de jogo, no breve comentário opinativo que efetua sobre a arbitragem, nas avaliações individuais dos intervenientes, nas avaliações gerais efetuadas por um treinador e um ex-árbitro e na que se encontra presente na secção “Opinião”, que ocupa duas páginas. Por sua vez, O Jogo redige elementos opinativos nas suas crónicas de jogo, na análise geral feita à jornada, no “Tribunal O Jogo”, nas avaliações individuais aos intervenientes dos jogos, na “Figura”, e finalmente no artigo de opinião redigido pelos elementos da direção, não existindo qualquer secção designada “Opinião”, como sucede nos jornais A Bola e Record, o que reduz bastante o pendor opinativo do diário quando comparado com os restantes.

A opinião não pode ser eliminada do jornalismo e muito menos do jornalismo desportivo. O seu papel é determinante para uma cobertura completa, rigorosa e condizente com a realidade, independentemente da modalidade em questão. Sem a mesma, as crónicas de jogo, para dar um exemplo, teriam de ser feitas exclusivamente a partir de estatística, algo que apesar de ser necessário, não é suficiente para expor desporto.

Capítulo 4. A experiência de estágio

4.1. Apresentação do jornal

Inaugurado em 22 de fevereiro de 1985, o jornal O Jogo é um dos três jornais desportivos portugueses em circulação. Com publicação diária, o jornal é propriedade do Global Media Group (antiga Controlinveste).

Fundada em 2014, a empresa Global Media Group é um dos maiores grupos de media em Portugal, sendo detentora de, para além do jornal O Jogo, marcas como o Diário de Notícias, Jornal de Notícias, a rádio TSF, e ainda publicações especializadas como o Dinheiro Vivo, Delas, e N-TV. No campo das revistas, abrange o DN+, Evasões, Volta ao Mundo, Notícias Magazine, Men's Health e a Women's Health. Em termos de fotografia, inclui a Global Media Play e, na imprensa regional, o Açoriano Oriental, o mais antigo jornal português ainda em circulação. O grupo faz ainda parte da estrutura acionista da agência de notícias Lusa, assim como das cooperativas VisaPress e Notícias Portugal.⁵

O Jogo tem como diretor Vítor Santos e Jorge Maia no cargo de diretor-adjunto. O jornal detém duas redações, uma no Porto que é responsável por acompanhar a atualidade do FC Porto e restantes clubes do norte de Portugal e outra em Lisboa, dedicada a Benfica, Sporting e clubes mais a centro e sul do país. Atualmente, cada exemplar tem o custo de 1,50€. Em termos de secções, o jornal divide-se em FC Porto, Benfica e Sporting (numa ordem que varia consoante a decisão editorial do dia), Futebol Nacional, que inclui numa primeira fase os restantes clubes da primeira divisão portuguesa de futebol e, seguidamente, a Segunda Liga. Inclui ainda o campo Diversos, onde costumam ser colocadas as notícias respetivas à Liga 3 (tirando quando esta competição tem direito a uma página específica para si) e à quarta divisão nacional de futebol, mais conhecida como Campeonato de Portugal, o campo Feminino, respetivo ao futebol feminino, o Futebol Não-Profissional, relativo ao futebol amador português, o campo Internacional, onde são os clubes estrangeiros, especialmente aqueles que têm portugueses a atuar nas suas fileiras, que são acompanhados e, como o jornal dá primazia ao futebol mas não descarta outros desportos, a secção Modalidades, onde basquetebol, andebol, hóquei em patins, ténis, futsal, automobilismo, ciclismo, ginástica e muitas outras práticas são alvo de destaque. Em termos do meio online, o site do jornal não difere muito do formato impresso em termos de organização, com a principal diferença a ser que cada clube da

⁵ Informação retirada do seguinte link: <https://www.globalmediagroup.pt/o-grupo/quem-somos/>

Primeira Liga tem direito a uma secção específica para as suas notícias, assim como Cristiano Ronaldo e José Mourinho, maiores figuras da atualidade do futebol português.

4.2. Estágio na secção impressa

Após uma breve entrevista com Jorge Maia, diretor-adjunto, o meu estágio na redação do Porto do jornal O Jogo iniciou-se no dia 8 de novembro de 2021, na secção impressa, tendo ficado o chefe de redação, Carlos Pereira Santos, encarregue de me orientar ao longo da experiência. Nesse dia, quem me acolheu foi o jornalista Hugo Sousa, que rapidamente me colocou à vontade e começou por explicar o modo como a redação funciona, assim como algumas particularidades, em termos de escrita, que eu teria de cumprir quando estivesse a trabalhar. Também fui informado rapidamente que teria de aprender a mexer no Millenium Editor, um programa que permite que vários jornalistas, inclusive à distância, possam escrever ao mesmo tempo no rascunho da edição do dia, já formatada por designers gráficos para o que será o seu aspeto final. Uma das primeiras coisas que tive de assimilar foram as denominações utilizadas para determinadas equipas. Por exemplo, o Vitória Sport Clube é chamado V. Guimarães, o Belenenses SAD apenas Belenenses e o Vitória Futebol Clube, V. Setúbal, apesar da contestação que surge em relação a essas escolhas, puramente editoriais. Outras “regras” que tive de aprender foram mais relacionadas com a escrita. Pronomes pessoais como “seu” ou “sua” não podem aparecer em peças do jornal, devido a ser considerado que os mesmos podem dar a impressão ao leitor que o texto está a ser dirigido a si quando não é esse o caso. Começar títulos com verbos no infinitivo também é outro ato “proibido” n’O Jogo, tal como usar expressões como “amigáveis” em vez de “particulares” ou “manutenção” ao invés de “permanência”, quando o assunto é sobre uma equipa lutar para não descer de divisão.

Com uma boa parte destas instruções na cabeça, fui inserido na secção Futebol Nacional, mais especificamente no campo Diversos, onde passei a ajudar na escrita de breves, notícias curtas, com cerca de 60 palavras, sobre determinado acontecimento na Liga 3, Campeonato de Portugal, ou ainda sobre algo de relevante que tenha acontecido no futsal ou no futebol feminino. A primeira breve que escrevi foi sobre o anúncio de Pedro Barroso como novo treinador do Sporting de Espinho, do Campeonato de Portugal, tendo-me sido dito logo de início que os estagiários não podem assinar as suas peças, para efeitos de proteção sua e do próprio jornal. Devido à situação pandémica, as redações d’O Jogo estavam divididas a meio e em turnos rotativos de duas semanas, em que num turno os jornalistas trabalhavam na redação e noutra em teletrabalho.

Felizmente para mim, foi decidido que viria à redação enquanto não existissem medidas do Governo que obrigassem o contrário, pelo que tive a oportunidade de conviver com a grande maioria dos jornalistas da redação, nos quais destaco Filipa Mesquita, Hugo Sousa, Mónica Santos, Cristina Aguiar, Jorge Melo Rosa, João Maia e Rui Ferreira, sem ordem em particular, que me acolheram de forma impecável e ajudaram-me a ficar rapidamente integrado e com muita vontade de “pôr mãos à obra”, graças à boa disposição e humor que reina no ambiente de trabalho, ao contrário do que se poderia imaginar num contexto que, por norma, tem a fama de ser caótico. Fama essa que em nada corresponde à realidade, porventura. Especialmente no seio impresso, onde as notícias só vão chegar às mãos do público no dia seguinte, existe uma certa descontração, no sentido bom da palavra, enquanto se está a trabalhar.

No que toca ao meu horário, não era algo fixo ou que estivesse a ser controlado de perto por alguém. Basicamente tinha de dar entrada no jornal entre as 15h e as 16h, horas que se seguiam à reunião editorial diária, na qual os diretores e chefes das redações definem o que será destaque principal da edição e saía quando a minha secção estivesse completa, o que normalmente acontecia entre as 19h e as 21h. Ultrapassado o período de adaptação ao programa e às próprias normas do jornal, começaram a confiar mais em mim e, de tempos a tempos, fui começando a ficar encarregue de escrever rodapés, que são as notícias que ocupam a parte de baixo da página do jornal, normalmente a segunda maior peça da página e aberturas (notícia de maior destaque da página). A primeira notícia de abertura que escrevi foi uma antevisão do jogo da equipa feminina do Benfica diante do Hacken, na Liga dos Campeões, mas a abertura que mais gosto me deu fazer foi, pouco tempo depois, quando me pediram para escrever, na secção da Segunda Liga, uma comparação entre o ritmo dos despedimentos de treinadores na competição na atual época e ao longo da última década. Foi a primeira vez que dependi apenas de mim para encontrar e selecionar, dentro dos dados estatísticos disponíveis sobre este tema, aqueles que eram mais pertinentes, com o acréscimo de não ter qualquer declaração à comunicação social sobre o tema para servir de guia.

Duas semanas depois do Natal, quando me encontrava em teletrabalho devido à imposição desse regime enquanto medida de prevenção de contágios de covid-19, o editor-chefe da secção online d’O Jogo, Alcides Freire, contactou-me com uma oferta de ficar a trabalhar nesse meio após a conclusão do meu período de estágio. Logicamente, aceitei a proposta de imediato e passei a ter a oportunidade de me envolver no seio online do jornal, que apresenta algumas diferenças quando comparado com o meio impresso.

Desde logo, a equipa online do jornal é muito menor do que a do impresso, reunindo de momento sete profissionais no total, comigo incluído. Detém um espaço físico na redação, naturalmente reduzido, onde normalmente costuma estar um editor e outro membro da equipa em serviço. Apesar da “separação” entre meio online e impresso, é bastante recorrente que os profissionais do segundo auxiliem o online em alturas de maior aperto, nomeadamente nos finais de jogos, em que são várias as declarações a recolher. Ainda assim, considero que, para a diferença de pessoal que existe entre ambos os meios, a entajada poderia ser superior. Ainda sobre a interligação de ambos os meios, também é recorrente que, no online, se aproveitem as peças escritas no jornal físico, o que garante o máximo de exposição às mesmas. Já sobre a dinâmica de ambos, existe uma separação total, no sentido em que cada meio organiza reuniões próprias para discutir assuntos que apenas dizem respeito à respetiva equipa.

Em termos de horário no online, o jornal divide a equipa em dois turnos ao longo da semana, normalmente duas pessoas de manhã, entre as 8h e as 16h ou as 9h e as 17h e depois outro turno que começa às 16h e acaba o serviço à meia-noite, deixando alguns artigos em agendamento para serem publicados já depois dos jornalistas terem saído.

Passando para as grandes diferenças no modo de trabalhar entre o seio físico e online, a primeira prende-se com a rapidez em que as notícias devem ser encontradas, redigidas e publicadas. No online, o primeiro meio a lançar um conteúdo, especialmente se for algo que envolva os “três grandes” ou personalidades conhecidas pela vasta maioria da população portuguesa, como Cristiano Ronaldo ou José Mourinho, é aquele que vai chamar a atenção para o mesmo, logo, também é aquele que vai ganhar mais visitas e interações derivadas dessa publicação. Assim sendo, o primeiro grande desafio que tive foi ajustar a rapidez de escrita, que tinha de ser muito à superior à necessária no meio impresso. Quanto a encontrar sobre o que escrever, existem muitos sítios onde procurar. A agência Lusa providencia notícias já praticamente prontas a serem publicadas, que apenas necessitam de tratamento em termos de linguagem e a correção de algum eventual erro ortográfico, mas o que sustenta o online são, para além das notícias de última hora, vídeos, declarações ou imagens que suscitem a curiosidade do público, muitas delas presentes nas redes sociais. Por exemplo, um vídeo de um antigo jogador do Liverpool a revelar que já recebeu uma mensagem privada de Lionel Messi a chamar-lhe “burro” vai ter sempre mais valor num meio online do que uma notícia sobre as dificuldades económicas do Pinhalnovoense, equipa do Campeonato de Portugal, ainda que a segunda tenha muito mais valor-notícia. Isto deriva dos próprios interesses do público que habitualmente consome conteúdos relacionados com desporto na internet,

que acaba por criar ao jornal uma necessidade de ter conteúdos multimédia que satisfaçam esses interesses.

A seguir à Lusa, são a imprensa internacional e o Twitter os grandes aliados dos jornalistas online d'O Jogo. Passou a fazer parte da minha rotina ter as páginas dos principais jornais desportivos ou de secções de desporto de jornais generalistas espanhóis (A Marca, Mundo Desportivo, AS), franceses (L'Équipe), ingleses (Sky Sports, ESPN, Daily Mail, The Telegraph, The Mirror entre outros), alemães, (Bild, Kicker), italianos (Gazzetta dello Sport, Corriere dello Sport) e brasileiros (Globoesporte) regularmente abertas, por serem os países com mais presença portuguesa (em termos de desporto) lá fora, na esperança de encontrar algo relevante primeiro do que a concorrência. Caso não encontrasse algo que valesse a pena escrever, ainda vasculhava as contas de Twitter de clubes, jogadores ou jornalistas creditados no seio desportivo, tais como Fabrizio Romano, um jornalista conhecido mundialmente por ser especialista no mercado de transferências, em busca da notícia que acaba sempre por aparecer. Naturalmente, também é necessário andar de olho no que a concorrência (A Bola, Record, zerozero.pt, Maisfutebol, Notícias ao Minuto) vai publicando, de forma a ter a certeza de que não existe algo a ser noticiado por todos menos pelo Jogo. Muito do trabalho no online envolve ainda transcrição de declarações em conferências de imprensa ou entrevistas, pelo que ter um vago à vontade com a língua espanhola, inglesa e francesa também foi uma boa ferramenta que auxiliou a minha rápida habituação ao meio.

Na secção online d'O Jogo, os fins de semana são os dias mais atarefados, devido à elevada carga de jogos que costuma haver nas principais ligas europeias, incluindo a portuguesa. Para os jogos internacionais das equipas que têm nomes portugueses nas suas fileiras, como o Manchester United, Liverpool ou Wolverhampton na Premier League ou a Roma na Serie A, ou ainda jogos que não tenham portugueses em campo mas que suscitem natural interesse devido à grandeza dos intervenientes ou à rivalidade histórica das equipas (um El Clásico entre Real Madrid e Barcelona, por exemplo), O Jogo faz algo chamado *live blogs*, que não são mais do que uma atualização em direto dos principais acontecimentos da partida, como golos, expulsões, lesões graves ou habilidades técnicas que chamem a atenção, assim como o natural acompanhamento do resultado. Já todos os jogos da Primeira Liga, independentemente das equipas, são acompanhados através de um direto. Um direto assemelha-se bastante a um *live blog*, com a diferença de que é muito mais pormenorizado, descritivo e as atualizações são feitas ao minuto, salvo uma eventual demora do jornalista.

Algo que um jornalista do meio online do Jogo não pode deixar de ter em mente enquanto procura por conteúdos passíveis de poderem vir a ser notícia é se determinado conteúdo interessa ao público-alvo do jornal, que por norma são jovens e adultos naturais do norte de Portugal. Para além do que envolve as já mencionadas celebridades do futebol português, tudo o que envolva jogadores que tenham passado por FC Porto, Benfica e Sporting, antigos ou atuais internacionais portugueses, casos insólitos, de humor, golos ou defesas de grande qualidade, no fundo, algo que saia da rotina de um jogo de futebol e/ou que tenha alguma ligação com Portugal (e se for com os “três grandes”, melhor), mesmo que seja pelos piores motivos, como por exemplo uma invasão de adeptos a um centro de treinos ou um treinador revelar que um jogador suspendeu a carreira por conta de uma depressão, são conteúdos que vão ter sucesso no site em termos de cliques, pelo que são esses que são publicados e partilhados com mais ênfase.

Tendo desfrutado da oportunidade de passar por ambos os meios do jornal, é sem ter de pensar muito que declaro a minha preferência pelo online. Esta escolha em nada tem a ver com os jornalistas de qualquer um dos meios, pois ambos me acolheram de forma absolutamente impecável, sendo motivada apenas pela rapidez com que a ação se desenrola no online, onde o tempo passa mais rápido porque a pressão e o volume de notícias que saem é muito superior ao meio impresso.

Capítulo 5. Análise de conteúdo

Este capítulo incide sobre a fase de análise às discrepâncias entre o conjunto dos denominados “três grandes” do futebol português – Benfica, FC Porto e Sporting – e os restantes clubes da I Liga, no que toca aos três jornais desportivos portugueses.

A partir deste capítulo, pretende-se investigar se, nas edições impressas dos jornais A Bola, Record e O Jogo, as notícias de maior destaque são exclusivas às três principais equipas do futebol português: Benfica, FC Porto e Sporting e se, no geral, as notícias referentes às restantes equipas participantes na primeira divisão portuguesa apresentam diferenças em relação às destas equipas. Será também um objetivo desta investigação verificar se, nestes três jornais, existe uma equipa em claro destaque nas suas primeiras páginas.

Assim, as hipóteses a testar nesta investigação são as seguintes:

- 1 – No jornal A Bola, o Benfica é a equipa que mais vezes aparece em destaque na sua primeira página.
- 2 – No jornal Record, o Sporting é a equipa que mais vezes aparece em destaque na sua primeira página.
- 3 – – No jornal O Jogo, o FC Porto é a equipa que mais vezes aparece em destaque na sua primeira página.
- 4 – Nos jornais A Bola, Record e O Jogo, as notícias de maior destaque são sempre relativas às três principais equipas do futebol português: Benfica, FC Porto e Sporting.
- 5 – Nos jornais A Bola, Record e O Jogo, as notícias sobre Benfica, FC Porto e Sporting são mais extensas e aprofundadas (no sentido em que contêm muito mais informação) do que as notícias sobre outras equipas participantes na Primeira Liga.

Optei por incidir apenas no meio impresso destes jornais, apesar da minha preferência em trabalhar na secção online d’O Jogo, porque, de um ponto de vista investigativo, a comparação do meio físico é bastante mais simples, devido ao menor volume de notícias produzidas, para além de que o meio impresso é aquele em que o jornal desenvolve apenas os conteúdos que considera serem mais pertinentes e de maior importância.

O primeiro ponto de foco que me pareceu mais pertinente dentro desta questão é relativo aos destaques das primeiras páginas destes jornais, também conhecidos como manchetes, que são o principal aspeto que determina qual é o clube em maior destaque em determinada edição de um jornal desportivo. Assim sendo, propus-me a fazer duas análises separadas: na primeira, selecionei um dia em cada um dos meses de 2021, de forma aleatória e com base num programa da Google criado para o efeito, para manter o máximo de imparcialidade possível e analisei com algum detalhe as respetivas primeiras páginas d'O Jogo, A Bola e Record, de forma a conferir as diferenças nas escolhas dos diários para o grande destaque desses dias; na segunda análise, selecionei o mês de dezembro de 2021 e analisei, de uma forma mais ampla, todas as primeiras páginas lançadas pelos três jornais ao longo desses 31 dias, uma vez que essa análise permite alcançar uma perspetiva mais rigorosa acerca de quais são os critérios que atribuem a um certo clube o maior destaque na primeira página de cada um dos jornais.

5.1. Análise inicial e aleatória das manchetes d' O Jogo, A Bola e Record

Antes de partir para esta análise, passo a explicar o que motivou a sua realização. Certamente quem acompanha, nem que seja de forma mínima, o jornalismo desportivo português já se deparou, quer por via de comentários nas redes sociais quer ao vivo, com alguém convencido de que “O Jogo é o jornal do FC Porto” e de que “A Bola é o mesmo para o Benfica e/ou Sporting”, existindo também, ainda que talvez com menos dimensão, quem acredite que o Record tem algum tipo de afiliação com os encarnados e/ou leões. Estas acusações são normalmente motivadas por teorias da conspiração ou apenas por os jornais serem da mesma cidade dos clubes que alegadamente apoiam e sempre me intrigaram, até pelo facto de se apresentarem como uma gravíssima falha deontológica, caso fossem verdadeiras. Com base nessa intriga, procurei desmistificar essas acusações, tanto quanto possível, com base numa investigação aos três jornais desportivos portugueses.

A partir dos dados analisados e ainda da minha própria (ainda que curta) experiência profissional, proponho-me a tentar explicar o porquê de Benfica, FC Porto e Sporting serem equipas ímpares, em termos de destaque, dentro da imprensa desportiva do nosso país, e ainda a analisar o que determina o teor do destaque que lhes é conferido.

Importa referir, antes da apresentação da análise inicial, que a mesma incidiu sobre um total de 36 manchetes, divididas em 12 de cada um dos jornais sob investigação e relativas à mesma data. O critério que levou à designação de “tema do destaque” diz respeito ao título e à imagem que o acompanha na manchete em análise, ambos com larga dimensão e claro foque quando comparado com o conteúdo restante da página. Por sua vez, a variável “cariz do destaque” (positivo, negativo e/ou neutro) foi definida mediante o ponto de vista de quem está a ser alvo de destaque, na medida em que se pretendeu averiguar como os jornais definem a principal notícia do dia, não estando aqui em causa a forma como esse destaque é exposto.

Acrescento ainda que esta investigação não tem dimensão suficiente para ser considerada uma análise representativa do destaque conferido no jornalismo desportivo português a cada clube, sendo um estudo indicativo das tendências editoriais destes órgãos relativamente a esse aspeto.

O Jogo	Clube em destaque	Cariz do destaque	Tema do destaque
29 de janeiro	Benfica	Positivo	Vitória na Taça de Portugal
8 de fevereiro	FC Porto	Negativo	Empate na Liga
25 de março	FC Porto	Neutro	Cláusula de rescisão de um jogador (Corona)
17 de abril	Sporting	Positivo	Vitória na Liga
25 de maio	SC Braga	Positivo	Conquista da Taça de Portugal
14 de junho	FC Porto (andebol)	Neutro	Entrevista ao treinador
12 de julho	Seleção italiana	Positivo	Conquista do Europeu
11 de agosto	Benfica	Positivo	Estreia a marcar de um jogador (João Mário)
7 de setembro	FC Porto	Neutro	Antevisão a uma jornada
18 de outubro	FC Porto	Positivo	Elogios à equipa
3 de novembro	Benfica	Negativo	Derrota na Champions League
19 de dezembro	Sporting	Positivo	Vitória na Liga

Tabela 1 - Análise aleatória às primeiras páginas do jornal O Jogo ao longo de 2021

A Bola	Clube em destaque	Cariz do destaque	Tema do destaque
29 de janeiro	Benfica	Positivo	Vitória na Taça de Portugal
8 de fevereiro	SC Braga	Positivo	Elogio à exibição de um jogador
25 de março	Benfica	Neutro	Alvo no mercado de transferências
17 de abril	Telma Monteiro (judo)	Positivo	Conquista da Medalha de Ouro no Europeu
25 de maio	Sporting	Neutro	Alvo no mercado de transferências
14 de junho	Sporting (futsal)	Positivo	Conquista do campeonato
12 de julho	Seleção italiana	Positivo	Conquista do Europeu
11 de agosto	Benfica	Positivo	Vitória na fase de acesso à Champions
7 de setembro	Benfica	Neutro	Transferência
18 de outubro	Benfica	Neutro	Regresso de lesão de um jogador (Rafa)
3 de novembro	Benfica	Negativo	Derrota na Champions League
19 de dezembro	Sporting	Positivo	Vitória na Liga

Tabela 2 - Análise aleatória às primeiras páginas do jornal A Bola ao longo de 2021

Record	Clube em destaque	Cariz do destaque	Tema do destaque
29 de janeiro	Benfica	Positivo	Vitória na Taça de Portugal
8 de fevereiro	SC Braga	Positivo	Elogio à exibição de um jogador
25 de março	Benfica	Neutro	Alvo no mercado de transferências
17 de abril	Sporting	Positivo	Vitória na Liga
25 de maio	Benfica	Negativo	Instabilidade técnica e financeira
14 de junho	Sporting	Neutro	Alvo no mercado de transferências
12 de julho	Sporting	Neutro	Permanência de um jogador (Palhinha)
11 de agosto	Benfica	Positivo	Vitória na Champions
7 de setembro	Sporting	Neutro	Condição Física de um jogador (Coates)
18 de outubro	Sporting	Neutro	Decisão do treinador
3 de novembro	Benfica	Negativo	Derrota na Champions League
19 de dezembro	Sporting	Positivo	Vitória na Liga

Tabela 3 - Análise aleatória às primeiras páginas do jornal Record ao longo de 2021

“Três grandes”	30 manchetes (83,3%)
Outros protagonistas	6 manchetes (16,6%)

Tabela 4 - Conjunto dos destaques nos 3 jornais (n=36)

	Total	O Jogo	A Bola	Record
SLB	14	3	6	5
FCP	5	5	0	0
SCP	11	2	2	6

Tabela 5 - Destaques dos “três grandes” (n=30)

Mediante os dados analisados, algo que salta logo à vista diz respeito ao peso que tem um jogo que envolva um dos “três grandes”. Tal como as datas 29 de janeiro, 8 de fevereiro, 17 de abril, 11 de agosto, 3 de novembro e 19 de dezembro demonstram, o resultado, favorável ou não, de Benfica, FC Porto ou Sporting num jogo são destaque em pelo menos duas das três capas dos jornais desportivos portugueses no dia a seguir ao mesmo.

Esse dado deve-se à própria cultura futebolística portuguesa, uma vez que a grande maioria dos amantes do futebol - o desporto-rei - portugueses, ainda que possam apoiar outra equipa, normalmente são adeptos de um dos “três grandes” do futebol luso, daí existir um muito maior interesse na sua atualidade quando comparado com as restantes equipas da primeira divisão. Ainda assim, existem certos cenários que se sobrepõem à habitual preferência editorial em atribuir o destaque a um deles, veja-se o caso do dia 12 de julho, data que assinalou o dia seguinte à conquista do Campeonato da Europa de 2020 de futebol (adiado para 2021 por força da pandemia) da seleção italiana, um feito que foi destacado nos três jornais, sem exceção.

Com o natural peso dos “três grandes” e de eventos globalmente reconhecidos como os mais emblemáticos do futebol fora das contas, impõe-se a questão: o que é alvo de maior destaque nos jornais desportivos portugueses, quando os “três grandes” não jogaram nem existiu nenhum assunto claramente de maior importância no mundo do futebol, noutras palavras, em dias “mais mortos”? Ora, esta análise, que será mais aprofundada na tabela seguinte, já permite entender que a resposta a essa questão varia consoante as prioridades (entenda-se a proximidade com o público-alvo) de cada um dos diários.

Tirando como exemplo a data 25 de maio, um dia que não foi imediatamente logo a seguir a nenhum jogo dos “três grandes” nem onde existiu um assunto que se impusesse de forma clara como o grande destaque do dia. Nesse dia, o jornal O Jogo deu destaque à festa da conquista da Taça de Portugal pelo SC Braga, que aconteceu dois dias antes.

Essa decisão explica-se pela proximidade que o jornal tem com amantes do desporto que vivem no norte de Portugal, o seu público-alvo, apesar de este também registar vendas mais a sul, inclusive detendo uma redação em Lisboa. Em sentido contrário, nesse dia, os jornais A Bola e Record, pela proximidade que têm com leitores que residem na região centro e sul do país (entre os dois, somente o Record conta com uma sede no Porto, para além de na capital) abordaram temáticas relacionadas com, respetivamente, Sporting e Benfica, clubes que naturalmente têm uma maior percentagem de apoiantes mais a centro e sul do que na região norte do país.

A data 14 de junho, outro dia que não coincidiu com nenhum acontecimento de especial importância no que toca ao futebol, também merece especial menção devido a dois dos três jornais (O Jogo e A Bola) terem optado por destacar outras modalidades, no caso andebol e futsal, respetivamente, ainda que os clubes em questão tenham sido, sem surpresa, FC Porto e Sporting, devido à proximidade já mencionada com o público-alvo.

Quanto aos restantes clubes da I Liga que estão fora da esfera dos “três grandes”, o direito ao destaque na primeira página dos jornais desportivos, por norma, apenas sucede quando estes defrontam Benfica, FC Porto e Sporting, quando um jogador seu está referenciado como sendo um alvo de transferência de um dos “três grandes” ou, tal como o caso do SC Braga demonstra, quando a equipa em questão conquista uma determinada competição ou atinge um objetivo que, à partida, não é muito habitual, como terminar a temporada num lugar que dá acesso às competições europeias ou participar em jogos nesse contexto. De resto, muito dificilmente esses clubes, menos mediáticos e capazes financeiramente, conseguem ultrapassar a popularidade e conseqüente destaque que os três crónicos candidatos à conquista das competições internas detêm na imprensa desportiva portuguesa.

5.2. Manchetes dos jornais desportivos em dezembro de 2021*

Dezembro 2021	O Jogo
1	FC Porto (negativo)
2	Sporting (neutro)
3	Benfica/Sporting (neutro)
4	Sporting (positivo)
5	FC Porto (positivo)
6	FC Porto (neutro)
7	FC Porto (neutro)
8	FC Porto (neutro)
9	Benfica (positivo)
10	SC Braga (misto)
11	FC Porto (neutro)
12	Sporting (positivo)
13	FC Porto (positivo)
14	FC Porto (positivo)
15	Sporting (misto)
16	Benfica (positivo)
17	FC Porto (neutro)
18	FC Porto (neutro)
19	Sporting (positivo)
20	FC Porto (positivo)
21	FC Porto (positivo)
22	FC Porto/Benfica (neutro)
23	FC Porto/Benfica (neutro)
24	FC Porto (positivo)
25	FC Porto (neutro)
26	Sporting (positivo)
27	FC Porto (neutro)
28	FC Porto (neutro)
29	Benfica (neutro)
30	Sporting (positivo/misto) /FC Porto (neutro)
31	FC Porto (positivo)

Tabela 6 - Análise às primeiras páginas do jornal O Jogo de dezembro de 2021

* Excertos de entrevistas numa manchete foram considerados destaques neutros

Dezembro 2021	A Bola
1	FC Porto (negativo)
2	Sporting (neutro)
3	Benfica/Sporting (neutro)
4	Sporting (positivo)
5	Benfica (negativo)
6	Sporting (positivo)
7	FC Porto/Sporting (neutro)
8	FC Porto (negativo)
9	Benfica (positivo)
10	Benfica (positivo)
11	Benfica (positivo)
12	Sporting (positivo)
13	Benfica (positivo)
14	UEFA (negativo)
15	Sporting (positivo)
16	Benfica (positivo)
17	Benfica/FC Porto (neutro)
18	Benfica (neutro)
19	Sporting (positivo)
20	Benfica (positivo)
21	Benfica (positivo)
22	Benfica (neutro)
23	Benfica (neutro)/Sporting (positivo)
24	FC Porto (positivo)
25	-
26	Benfica (neutro)
27	Benfica (neutro)
28	Benfica (negativo)
29	Benfica (negativo)
30	Benfica/FC Porto (neutro)/ Sporting (positivo)
31	FC Porto (positivo)

Tabela 7 - Análise às primeiras páginas do jornal A Bola de dezembro de 2021

Dezembro 2021	Record
1	FC Porto (negativo)
2	Sporting (neutro)
3	Benfica/Sporting (neutro)
4	Sporting (positivo)
5	Sporting (positivo)
6	Benfica (negativo)
7	Sporting (neutro)
8	Sporting (misto)
9	Benfica (positivo)
10	Sporting (neutro)
11	Sporting (neutro)
12	Sporting (positivo)
13	Benfica (positivo)
14	Benfica (neutro)
15	Sporting (positivo)
16	Benfica (positivo)
17	Benfica (negativo)
18	Sporting (neutro)
19	Sporting (positivo)
20	Benfica (positivo)
21	Benfica (positivo)
22	Benfica (neutro)
23	Sporting (positivo)
24	FC Porto (positivo)
25	-
26	Sporting (neutro)
27	Sporting (positivo)
28	Benfica (negativo)
29	Benfica (neutro)
30	Sporting (positivo)
31	FC Porto (positivo)

Tabela 8 - Análise às primeiras páginas do jornal Record de dezembro de 2021

	Positivo	Negativo	Neutro
SLB	14	6	16
FCP	11	4	15
SCP	19	0	12
Outros	0	1	0

Tabela 9 - Quadro de síntese com números globais (Total de manchetes: 93)

A partir desta análise, entende-se facilmente o peso que Benfica, FC Porto e Sporting acarretam na imprensa desportiva portuguesa. Não será descabido afirmar que a sua atualidade é o que alimenta a grande maioria destes órgãos, ainda que, naturalmente, o FC Porto esteja mais ligado ao jornal O Jogo, enquanto o Benfica e o Sporting marquem mais presença de forma equitativa nos destaques dos jornais A Bola e Record, pelas razões de maior proximidade (em termos de distância, entenda-se) com o público-alvo e o próprio clube.

Importa referir que, apesar do peso que os adeptos dos “três grandes” têm enquanto consumidores regulares de informação dos três jornais desportivos portugueses e de esses clubes, pela sua popularidade e domínio no panorama nacional, serem os principais “motores” da imprensa desportiva portuguesa, não existe qualquer evidência que aponte, tanto com base na análise efetuada, como a partir da minha própria experiência profissional, para um favorecimento, em termos de notícias ou destaque, de qualquer um dos jornais em relação a um só clube. Deve ficar assente que a razão de, por exemplo, O Jogo ser mais propício a fazer destaque de algo sobre o FC Porto do que Benfica ou Sporting, isto num daqueles “dias mais mortos”, deve-se apenas ao critério de proximidade comum a toda a esfera jornalística.

Um ponto que também salta à vista é a grande repetição que se denota em termos do tema escolhido para ser o grande destaque do dia quando comparados os três jornais. Em 13 dos 31 dias de dezembro de 2021, o clube em destaque foi o mesmo dentro d’O Jogo, A Bola e Record, sendo em todos os casos um dos “três grandes”, que têm um destaque tão consolidado na imprensa desportiva que somente o SC Braga, por uma única vez durante todo o mês de dezembro de 2021, conseguiu ser o grande destaque da capa do jornal O Jogo (dia 10), numa data que se seguiu à conclusão da fase de grupo da Liga Europa, na qual os minhotos garantiram uma vaga para o play-off seguinte.

Acaba por ser um pouco ingrato para os outros clubes, já nem falando em outras modalidades que não o futebol, que apenas três (quatro se contarmos com o destaque único do SC Braga) dos 18 clubes participantes na I Liga mereçam destaque nas primeiras páginas da imprensa desportiva ao longo de um mês inteiro de competição.

Na temporada em questão, o Gil Vicente é o caso mais gritante de mérito que carece de reconhecimento, tendo feito exhibições e ocupando lugares na classificação que mereciam um muito maior protagonismo mediático. O porquê de não o ter recebido é fácil de perceber: uma manchete sobre Benfica, FC Porto ou Sporting, independentemente do teor, vai sempre vender mais do que uma sobre qualquer outro clube do universo português.

Quanto ao teor dos destaques do dia, estão dependentes não só da equipa em questão, como do momento, desportivo ou não, que atravessam. Muitas das vezes, um destaque negativo de um jornal diz respeito a um resultado ou até exibição, mesmo que tenha resultado numa vitória, desapontante de uma equipa. Caso essa equipa dê a volta ao mau momento na jornada seguinte, os jornais vão reconhecer essa reviravolta e, no dia posterior, a equipa será destaque por motivos positivos.

A imprensa desportiva funciona, em certo modo, como um espelho da atualidade desportiva. Se um dos “três grandes” estiver numa fase negativa, com vários jogos sem vencer e sinais que apontam à existência de instabilidade no seu seio, os jornais desportivos serão os primeiros a fazer disso manchete do dia e a procurar descobrir quais os focos dessa mesma turbulência, da mesma forma que, num cenário inverso, uma temporada em cheio de um desses clubes será destacado vezes sem conta, como se de um reconhecimento pelo mérito se tratasse.

No fundo, este fenómeno é completamente natural também no jornalismo generalista, envolve o critério da consonância, que é inerente à prática jornalística e dita que o jornalista selecione determinada notícia (ou neste caso, destaque) com base na confirmação, ou não, de um cenário previsto em função de uma narrativa anterior. O que define, num dia em que, por exemplo, Benfica e FC Porto tenham vencido os respetivos jogos no campeonato, qual será o grande destaque do dia seguinte, isso já depende de vários critérios editoriais que variam consoante o jornal.

Partindo para a análise dos dados, veja-se primeiro o caso do Benfica, que em 2021/22 teve uma temporada para esquecer a nível interno, atingindo o seu ponto mais baixo precisamente em finais de dezembro de 2021, quando recebeu o maior número de manchetes negativas num momento que coincidiu com a rescisão do clube com o treinador Jorge Jesus, no meio de duas derrotas humilhantes com o FC Porto nos dias

23 e 30. Só a boa campanha na Liga dos Campeões impediu um maior número de manchetes negativas no mês em questão, no qual ainda assim foi o clube mais criticado na imprensa desportiva portuguesa.

De forma a entender-se os critérios que levaram aos dados analisados, em termos de teor das manchetes dos três jornais desportivos durante dezembro de 2021, é preciso analisar como correu esse mês, em termos de narrativa, aos clubes que foram alvo de (quase todo o) destaque da imprensa desportiva lusa em dezembro de 2021: Benfica, FC Porto e Sporting.

Ora, o Benfica teve um mês de dezembro tenebroso a nível interno, começando por perder com o Sporting no dia 3, antes de vencer diante do Famalicão, Sporting da Covilhã e Marítimo, numa breve fase positiva a que se seguiu uma dupla derrota com o FC Porto, sendo que a primeira ditou a eliminação na Taça de Portugal e a rescisão com o treinador Jorge Jesus e a segunda o fracasso praticamente anunciado, numa fase ainda precoce da época, na luta pelo título de campeão nacional. Ainda assim, em termos europeus, os encarnados venceram o Dínamo de Kiev no último jogo da fase de grupos da Liga dos Campeões, garantindo a passagem à fase a eliminar da prova. As quatro vitórias internas (três na Liga, uma na Taça da Liga) e o sucesso europeu foram reconhecidos pela imprensa desportiva, mas a turbulência interna e o desastre que se assistiu nos jogos com os rivais diretos, isto após mais um verão de elevado investimento financeiro, assumiu contornos demasiado evidentes para serem ignorados, daí os encarnados terem sido o clube mais criticado em dezembro de 2021, especialmente a partir do dia 23, data da primeira derrota com dragões.

Por sua vez, o FC Porto, a nível interno, acabou 2021 de forma imaculada, vencendo Portimonense, Braga, Rio Ave (na Taça da Liga, apesar da eliminação na prova), Vizela e Benfica (por duas vezes e em competições distintas), mas na Liga dos Campeões foi derrotado pelo Atlético de Madrid num jogo decisivo, sendo relegado para a Liga Europa. Assim sendo, os dragões também não tiveram um mês perfeito em termos globais, pelo que, apesar de não terem sido tão criticados como o Benfica, também tiveram motivos para manchetes menos lisonjeiras.

Por fim, o Sporting entrou com o pé direito em dezembro, vencendo o dérbi com o Benfica e, apesar da derrota com o Ajax, na Liga dos Campeões, garantiu a passagem aos oitavos de final da prova, terminando de seguida o mês de forma 100% vitoriosa, após triunfos sobre o Boavista, Penafiel (Taça da Liga), Gil Vicente, Casa Pia (Taça de Portugal) e Portimonense. Os leões, apesar da derrota com os neerlandeses, terminaram o último mês de 2021 com um sorriso no rosto e sem qualquer motivo de alarme, pelo

que não é de estranhar que a imprensa desportiva portuguesa não tenha feito qualquer manchete negativa sobre o clube nesse período, até porque até a derrota contra o Ajax implica um dado que convém salientar: o Sporting foi a jogo já com a qualificação para a próxima fase assegurada.

Perante esta contextualização, fica assente a ideia já exposta nesta investigação: a imprensa não procura favorecer ou deitar abaixo este ou aquele clube, mas sim expor a sua atualidade e, no que toca ao destaque, salienta o que de mais pertinente/importante aconteceu no dia anterior ou aborda temas mais profundos e que lhe dizem respeito.

Não se deve encarar uma manchete negativa sobre Benfica, FC Porto ou Sporting como uma mera crítica ao clube, ainda que a mesma exista. Deve-se, antes, entender qual a razão que motivou a crítica, lendo a notícia relativa ao destaque, na qual estará presente, sem dúvida, a devida explicação. Qualquer acusação de serventia/favorecimento a determinado clube deve ser vista como uma grave ofensa ao profissionalismo e ética de qualquer jornal e, na falta de provas concretas que sustentem esses rumores, resta aos jornalistas negarem veementemente essas falsas noções.

5.3 Diferenças de espaço entre os “três grandes” e os restantes clubes

O futebol português é caracterizado por uma hegemonia dividida por três clubes, isso não é novidade para ninguém. Se fosse preciso um dado para o sustentar, basta olhar para o número de conquistas da primeira divisão. Tirando Benfica, FC Porto e Sporting, somente Os Belenenses (1945/46) e o Boavista (2000/01) conquistaram a honra de serem chamados campeões nacionais. Outro dado que não há de surpreender é a popularidade que os “três grandes” detêm dentro da cultura portuguesa. Ao contrário do que sucede em países como Inglaterra ou Alemanha, é raro que uma equipa fora deste trio consiga encher o estádio, a não ser em casos em que defronte um deles.

A imprensa desportiva, como é natural, não é alheia a este domínio e mesmo antes de partir para a comparação das notícias relativas a estes três clubes com as dos restantes emblemas portugueses, é com toda a certeza que digo: Benfica, FC Porto e Sporting terão uma atenção muito superior aos outros. O que se pretende aqui é aferir, na medida do possível, o quão grande é essa diferença e, posteriormente, refletir sobre se a mesma se justifica.

Assim sendo, será feita uma análise de conteúdo às três edições impressas d’O Jogo, A Bola e Record do dia 6 de junho de 2022 (data escolhida de forma aleatória), de forma a descortinar essas tais discrepâncias. Serão assim comparadas as páginas que dizem respeito a Benfica, FC Porto e Sporting com as dos restantes clubes do futebol português.

5.3.1 Jornal O Jogo

Começando pelo jornal O Jogo, como seria de esperar, é fácil assinalar diferenças entre os conteúdos relativos aos “três grandes” e aos restantes clubes. À primeira vista, algo que chama a atenção é a diferença de espaço que Benfica, FC Porto e Sporting beneficiam de forma exclusiva. Em todas as edições impressas do jornal, estes três clubes são os únicos que dispõem de uma secção designada para notícias suas, numa ordem que varia consoante a importância, no entender editorial, do que será noticiado.

No caso da edição sob análise, é o FC Porto o primeiro clube a ser noticiado, ao longo de duas páginas, seguido pelo Sporting e depois pelo Benfica, sendo que todos dispõem de duas páginas completamente dedicadas a si. Tendo em conta que a época desportiva, a nível de clubes, está finalizada em junho, as notícias presentes nas páginas dos “três grandes” dizem respeito ao mercado de transferências.

Os restantes clubes da I Liga, por sua vez, pertencem à secção “Futebol”, numa sequência que começa com notícias dos clubes da primeira divisão, passa pela Segunda Liga e termina no campo “Diversos”, que por norma abrange conteúdos relacionados com a Liga 3 ou Campeonato de Portugal (quarta divisão), mas que neste caso aborda a reeleição de José Pereira para a presidência da Associação Nacional de Treinadores de Futebol (ANTF), a antevisão de um jogo da seleção nacional de sub-21 e as metas de carreira de José Bizarro, treinador do Oleiros (Campeonato de Portugal). Também o futebol feminino e o futsal são alvo de uma notícia bastante curta neste espaço.

Na secção “Futebol”, que ocupa um total de sete páginas, apenas um clube detém uma página inteiramente dedicada a si: o SC Braga, logo na primeira da secção. No entanto, é de notar que tanto a notícia de abertura como as duas breves que estão presentes nessa página são muito mais pequenas do que as dos “três grandes”. De forma a entender-se a diferença, a imagem presente na página ocupa metade do espaço da mesma, algo que não acontece com Benfica, FC Porto e Sporting, cujo espaço conferido nas respetivas páginas é aproveitado praticamente ao máximo. De resto, SC Braga, Vitória SC, Famalicão, Vizela, Leixões e ANTF são os clubes/instituições que marcam presença em notícias de abertura ao longo desta secção, sendo mais uma vez notória a redução de caracteres quando comparada com as páginas dos “três grandes”, e vários outros clubes são abordados em notícias de rodapé e breves, que existem em maior número do que anteriormente, mas, em termos individuais, são mais pequenas do que as presentes nas secções do FC Porto, Sporting e Benfica.

5.3.2 Jornal A Bola

Seguindo para A Bola, apresenta-se a mesma característica no que toca aos “três grandes”. Cada um é dotado de uma secção específica para si, com duas páginas de tamanho, sendo que aqui a ordem é a seguinte: Benfica, Sporting e FC Porto. O tamanho e aspeto das notícias dos “três grandes” pouco difere das d’O Jogo. Na página 22, atinge-se a secção “Futebol”, onde mais uma vez é o SC Braga o clube merecedor da notícia de abertura, que também é bastante menor do que as das secções anteriores.

N’A Bola, o principal aspeto que salta à vista é o número de páginas que a secção “Futebol” tem. Ao passo que n’O Jogo a mesma tem sete páginas, n’A Bola tem somente quatro, com Braga e Vitória SC a serem os únicos clubes fora dos “três grandes” a serem merecedores de uma notícia mais aprofundada (abertura), em duas páginas diferentes, em que o resto do espaço é dedicado às habituais breves, que incidem sobre outros clubes da I Liga. Nas outras duas páginas da secção, abordam-se os “Juvenis”, “Iniciados – Apuramento de Campeão”, onde, sem surpresa, são noticiados jogos da formação dos “três grandes” e por fim, “Distritais”, em que não existe qualquer notícia, apenas resultados e classificações. Nota ainda para a Académica de Coimbra (Liga 3), a única equipa fora da I Liga presente nesta edição d’A Bola (O Jogo optou por dedicar uma página inteira à II Liga, englobando notícias de seis equipas diferentes, incluindo uma de abertura, para efeitos de comparação).

5.3.3 Jornal Record

Por último, o Record. Nesta edição do jornal, é curioso que não se volta a repetir a mesma ordem no que toca às secções de cada um dos “três grandes” (Sporting - Benfica - FC Porto). Outra diferença, que me parece mais circunstancial do que significativa, é as secções do Benfica e do FC Porto conterem duas páginas, à semelhança d’O Jogo e d’A Bola, mas a do Sporting ser ligeiramente superior em meia página (a outra metade é composta por publicidade). Tal como na concorrência, é o mercado de transferências o principal tema em abordado nas secções dos “três grandes”.

Após a secção relativa aos dragões, atinge-se a secção “Liga Portugal bwin”, onde, tal como n’A Bola, não existe um clube que tenha sido merecedor de uma só página para si.

Nesta secção, que ocupa duas páginas, as notícias de abertura voltam a ser menores do que as anteriores, existindo pouco mais a assinalar, uma vez que a estrutura das páginas não foge muito à da concorrência. Na página 20, chega-se à “Liga Portugal SABSEG”, uma página dedicada inteiramente à II Liga, onde a notícia principal volta a ser muito mais reduzida do que as dos “três grandes”. Por fim, segue-se a página dos “Iniciados” e a dos “Juvenis”, ambas sobre jogos dos “três grandes”.

Capítulo 6. Conclusões e reflexões

Em primeiro lugar, convém lembrar que o estudo realizado não reúne as dimensões necessárias para servir de base para uma caracterização fidedigna das diferenças entre o espaço atribuído aos “três grandes” e aos restantes clubes do futebol português nos jornais desportivos nacionais, apresentando-se como uma pequena comparação que pretende promover a reflexão sobre esta discrepância.

Aproveito também para recordar as hipóteses escolhidas no âmbito desta investigação, de forma a proceder à sua respetiva verificação:

1 – No jornal A Bola, o Benfica é a equipa que mais vezes aparece em destaque na sua primeira página: Não me sendo possível determinar se, em termos globais, este fenómeno se verifica, fiz as devidas considerações tendo por base o quadro de análise aos destaques dos jornais desportivos portugueses durante dezembro de 2021. No que diz respeito ao Benfica, o clube foi, de forma exclusiva, o destaque na primeira página d’A Bola em 14 ocasiões, o que corresponde a quase metade dos destaques (Sporting foi seis vezes e o FC Porto quatro), pelo que, no mês em questão, a hipótese verificou-se. Importa voltar a frisar, no entanto, que este mesmo destaque varia consoante os critérios de proximidade e consonância inerentes ao jornalismo. Como explicado anteriormente, as águias foram o clube mais em foco (e não propriamente pelas melhores razões) em finais de 2021. Caso o mês selecionado tivesse sido, por exemplo, maio de 2021, quando o FC Porto terminou a temporada em festa, devido à conquista do campeonato (em pleno Estádio da Luz) e da Taça de Portugal, certamente os dragões teriam muitos mais destaques neste jornal.

2 – No jornal Record, o Sporting é a equipa que mais vezes aparece em destaque na sua primeira página: Tendo por base o mesmo quadro, o Sporting foi, de forma exclusiva, o clube em destaque na primeira página do Record por 15 vezes no período contabilizado (Benfica foi por 11 e o FC Porto por três), o que significa que, em dezembro de 2021, esta hipótese verificou-se. Ainda assim, volto a salientar o quão circunstancial é esta verificação, não devendo ser encarada como algo definitivo ou a norma.

3 – No jornal O Jogo, o FC Porto é a equipa que mais vezes aparece em destaque na sua primeira página: No período analisado, o FC Porto foi destaque exclusivo da primeira página d'O Jogo por 17 vezes (Sporting foi por seis vezes, Benfica por duas), o que significa que, em dezembro de 2021, esta hipótese verificou-se, o que demonstra, de novo, o peso dos critérios jornalísticos acima referidos para esta temática.

4 – Nos jornais A Bola, Record e O Jogo, as notícias de maior destaque são sempre relativas às três principais equipas do futebol português: Benfica, FC Porto e Sporting: Tendo por base a análise de conteúdo realizada, esta hipótese verificou-se na totalidade, o que não deverá surpreender ninguém familiarizado com a cultura desportiva portuguesa. O domínio e popularidade dos “três grandes” no desporto nacional funcionam que nem eucaliptos, acumulando todo o mediatismo e não deixando espaço para que outros clubes também desfrutem da atenção dos holofotes. Como foi dito anteriormente, Benfica, FC Porto e Sporting (de um modo equitativo, parece-me) são o que alimenta a grande maioria da atualidade desportiva em Portugal.

5 – Nos jornais A Bola, Record e O Jogo, as notícias sobre o Benfica, FC Porto e Sporting são mais extensas e aprofundadas (no sentido em que contêm muito mais informação) do que as notícias sobre outras equipas participantes na Primeira Liga: À semelhança da hipótese 4, esta também se verifica na totalidade. A partir da análise de conteúdo efetuada, foi possível perceber que, em termos de espaço no jornal, os “três grandes” são quem desfruta de mais caracteres, de longe. Existem circunstâncias onde outros clubes poderão desfrutar da mesma atenção, como por exemplo se conseguirem atingir um feito muito raro, como a qualificação para as competições europeias mas, de resto, dificilmente vão desfrutar da mesma atenção do que o trio do costume, o que é um próprio reflexo da sua própria popularidade, entenda-se número de adeptos e consequente capacidade vendável, na esfera nacional.

Posto isto, a conclusão desta investigação parece-me bastante óbvia. Benfica, FC Porto e Sporting, a meu ver de igual forma, vivem num mundo à parte do restante futebol português e até da própria I Liga. A partir do momento em que estes clubes dispõem de uma secção individual somente dedicada aos seus assuntos nas edições impressas dos jornais desportivos portugueses, com o resto dos clubes agrupados em secções da I Liga, onde os três participam, isso diz muito da sua magnitude no contexto nacional.

Quanto aos três jornais desportivos, volto a frisar, não existe qualquer evidência que comprove um favorecimento em relação x clube e ainda bem, porque isso seria uma mancha ética inapagável na sua reputação e uma razão mais que justificada para o seu desaparecimento. Os critérios de proximidade e consonância do jornalismo, aliados à própria cultura desportiva em Portugal, são o que explica o destaque e a atenção especial dada a Benfica, FC Porto e Sporting (sem ordem específica) pela imprensa nacional. Também são esses fatores que definem qual dos três, em determinada edição de um dos jornais, deve ser o grande destaque do dia, ainda que esse aspeto, naturalmente, seja ainda influenciado por escolhas editoriais.

Passo então para a última questão que motivou este estudo: A diferença de espaço dos “três grandes” para os restantes clubes nos jornais desportivos tem razão de ser?

Para mim, caso as 18 equipas da I Liga tivessem a mesma dimensão, independentemente do critério, a resposta seria não. Mas não é essa a realidade. Os “três grandes” são os reis incontestáveis do futebol português e, como tal, é só natural que esse domínio seja evidente não só em termos de assistências e troféus, mas também no que toca à atenção mediática que recebem. Se é possível que um dia outro clube se junte a eles, ou até os substitua de forma definitiva? Costuma-se dizer que no futebol não há impossíveis, mas parece-me que a coisa mais perto disso será mesmo essa possibilidade...

Anexos

Anexo I - Primeira notícia de abertura que fiz n'O Jogo

Quarta-feira, 17 novembro 2021
www.ojogo.pt

facebook.com/clubedesportivobenfica
twitter.com/bjogo

**PROFENSE RESCISÃO
INDA SEM ANUNCIO**
treinador Rui Duarte
teve ontem no estádio do
fense a ultimar os termos
rescisão de contrato com a
situação que ainda não
ficializada pelo clube.
ro contexto, o ala
Liberal estreou-se,
a, ao serço da seleção
ola. O jogador, 21 anos,
a 15 minutos do fim
ate com a Libia (1-1),
no apuramento para
al do Catar. —J.M.

**A CD DÁ
POR TROARÉ**
o de Disciplina
deração de
de Futebol (FPF)
estrela num
ocado pelo
speitante a
aoré. O clube de
considerava o
nais um ano de
a entidade
razão aos
agora vão
do indemi-
eense. —M.G.P.

**VARZIM ISMAEL LEXBAF
NA BALIZA EM ALVALA**
Opção como titular nas duas
eliminatórias da Taça de Port
Gleizos e Marítimo, Ismael
novamente escolheu para a b
o Sporting. O guarda-redes
anos, começou a época cor
atrás de Ricardo Nunes e
aproveitando os jogos da
ganhar minutos e mostra

**FARENSE MANCHA
PARA CONTINUAR**
Há duas temporadas
Eduardo Mancha, qu
jogadores mais utiliz
(1080'), sublinhou
vitória. "o grupo já
agora focado em tr
Casa Pia, para a Ta
entrar para ganh
de jogos sem per

**BELEMENSE
CRIAÇÃO D**
Patrick Morai
em entrevista
comentou a r
oficializa a se
Restelo e a s
considerou
que "nada i
nova SAD"
ao futebol



Benfica soma um ponto em três jogos já disputados e hoje volta a enfrentar o Häcken

FEMININO André Vale, treinador-adjunto das encarnadas, apontou o pragmatismo no último terço como chave para vencer na Suécia

Benfica procura primeira vitória

O Benfica joga hoje, às 17h45, com o Häcken, em Estocolmo, na Suécia, num jogo relativo à quarta jornada da Liga dos Campeões. Águias ainda procuram o primeiro triunfo na competição

●●● As jogadoras do Benfica estão "mais do que preparadas" para enfrentar as dificuldades que o Häcken vai colocar e conquistar o primeiro triunfo na Liga dos Campeões, garantiu André Vale, treinador-adjunto das encarnadas. Em conferência de Imprensa, o assistente da treinadora Filipa Patão antecipou um jogo "muito complicado" e "estra-

tegitamente parecido" ao anterior com as suecas, que terminou com uma derrota por 1-0, e no qual a sua equipa terá de mostrar mais presença e pragmatismo em situações ofensivas. "Temos de chegar com mais gente às zonas de finalização e ser menos perdulários. Quando temos uma situação para finalizar, fazê-lo rapidamente, atacar as segundas bolas e ser mais agressivo nestes momentos em que conseguimos criar e chegar ao último terço", salientou Vale. A partida anterior entre águias e nórdicas ficou marcada por um polémico penálti assinalado a favor do Häcken, aos 76', que lhe valeu o triunfo. Sobre

o assunto, André Vale descartou ideias de "vingança", vindando que o foco está apenas na conquista da primeira vitória europeia da época, um sentimento também partilhado por Ana Seíça, central encarnada que originou o lance. "Foi decidido como foi, não cabe a nós ou a mim julgar. É seguir em frente, focar no jogo de agora, outra vez nos três pontos, na vitória, com os ajustes e o trabalho feitos durante a semana", disse.

Com um empate e duas derrotas nos três jogos efetuados, as águias ocupam o último lugar do Grupo D, atrás do Häcken (três pontos), Bayern (quatro) e Lyon (nove).

“

“Temos de chegar com mais gente às zonas de finalização e ser menos perdulários”

André Vale
Treinador-adjunto da equipa feminina do Benfica

JORNADA
2-0

FC Porto B

JORNADA
2-2
0-1
2-0
1-1
1-3
2-2
0-0
1-1
0-2

P
23
22
21
20
16
6
5

OJ 20-11-2021 Nº 272 Sábado : Futebol : 21 Diversos

OJ 20-11-2021 Nº 272 Sábado : Futebol : 20 II Liga

OJ 20-11-2021 Nº 272 Sábado : Futebol : 20 II Liga

TREINADORES A saída Rui Duarte do comando técnico do Trofense é a sétima da temporada, número que supera as seis registadas na última época, considerando o mesmo período

RITMO DAS CHICOTADAS JÁ ULTRAPASSA 2020/21

Mesmo ritmo das saídas de treinadores na Liga SABSEG, as famosas chicotadas psicológicas, já ultrapassou o registado na época anterior, que culminou com um total de 17 despedimentos. Com a saída de Rui Duarte do comando do Trofense, oficializada ontem, Francisco Chaló será apresentado hoje (ver caixa) - o técnico será a sétima mudança de temporada, mais uma do que o registado à entrada para a 12.ª jornada em 2020/21, quando "apenas" seis treinadores tinham recebido guias de marcha por parte dos seus clubes. Na presente época, Vilafranquense, Farense, Estrela da Amadora, Covilhã, Nacional, Académica e Trofense são os clubes que já trocaram de treinador, não contabilizando, nos casos dos madeirenses, a saída de Sérgio Vieira no início da época, uma vez que a mesma se deveu a motivos pessoais e em nada teve que ver com os resultados da equipa.

Alargando a avaliação desta prática à última década, o efeito das mudanças não parece assim tão violento, uma conclusão retirada pelo destino dos clubes, não só porque a esmagadora maioria dos que as tentaram falharam a permanência na competição, mas também pela residual regularidade com que essa estratégia foi adotada por emblemas que arderam na Liga Bwin.

Importa ressaltar, contudo, que são tantos a mudar que nem todos se podem salvar. Dos 28 emblemas que tem inam em posições desceídas na Liga SABSEG aos longos das últimas dez temporadas, 25 efetuaram, no mínimo, uma troca técnica como o Marítimo B, em 2013/14, o Sporting B, em 2017/18, e o V. Guimarães B, na época seguinte, a ser em situações exceções (mal sucedidas na mesma...) esta tendência. Por outro lado, dos 23 clubes que garantiram a subida à II Liga desde 2011/12, apenas sete optaram por uma mudança técnica no decorrer do campeonato. Refrisa-se ainda que o último clube que garantiu a subida ao principal escalão no futebol português trocou de treinador foi o Farense, vice-campeão na temporada 2015/16, fazendo do que se toda a campanha com Pepa ao leme e completando os últimos nove jogos do calendário, sob o comando de José Mota.

AC. VISEU EMPATE COM A OLIVENENSE
Já afastado da Taça de Portugal, o Académico de Viseu mantém o ritmo competitivo com jogos de preparação. Ontem, o adversário foi a Oliveirense, da Liga 3, partida disputada em Oliveira de Azeméis que terminou empatada 1-1. O golo da formação da casa foi marcado por Diogo André, enquanto que o tento do Académico foi apontado por Romy. — ANACATIAS

NACIONAL ALHASSAN GARANTE VITÓRIA
O Nacional bateu ontem, em jogo de preparação, o Camacha por 1-0, com o golo de vitória a ser marcado por Alhassan. Hoje, pela manhã, o Nacional realiza a porta fechada, um jogo de preparação com o Marítimo que marca também o restar das relações em termos de clubes, decisão que surgiu após a chegada de Rui Fontes à presidência dos verde-rubros. — MARCO FREITAS

A época anterior terminou com um total de 17 chicotadas na Liga SABSEG, competindo sete clubes a fazerem mudanças técnicas no decorrer da competição



Saída de Rui Duarte do Trofense foi oficializada ontem

Chaló é apresentado hoje na Trofa

Rui Duarte chegou ontem a acordo para rescindir com o Trofense, e Francisco Chaló, o seu sucessor, como O JOGO adiantou, será apresentado hoje. O novo treinador, que nas últimas três épocas orientou os argelinos do Paradou, já orientou o treino de ontem. A SAD trofense agradeceu a Rui Duarte "a forma dedicada e empenhada que sempre teve ao serviço do clube, assim como a postura tida neste momento de cessação do vínculo contratual". Chaló, 57 anos, vai estreiar-se na deslocação ao terreno do Leixões, agendada para 28 de novembro.

LIGA PORTUGAL 2 - SABSEG	
RESULTADOS	
COSENHA ATAFES (SAD) / TROFENSE	
Farense / Trofense	2-0
21/11/2021 Domingo	
Alcoi / Sporting B	Académica F / Farense
Alcoi / Covilhã	Alcoi / H. Beira
L. JORNADA	
H. Beira / Académica	2-2
Trofense / Académica	0-1
Alcoi / Académica	2-0
Farense / Trofense	2-0
Beira / Académica	1-1
Beira / Académica	1-1
H. Beira / Académica	2-2
Alcoi / Trofense	0-0
Beira / Trofense	1-1
Alcoi / Trofense	0-2
L. VISEU B. - J. V. G. M. S. P.	
H. Beira / B.	11 2 2 11 11
H. Farense	11 7 1 1 0 9 22
H. Camacha	11 6 2 2 18 9 21
H. Beira / B.	11 6 2 2 12 11
H. Beira / B.	11 4 2 1 11 11
H. Beira / B.	11 4 2 1 11 11
H. Beira / B.	11 4 2 1 11 11

Nota: erro de sintaxe no antetítulo foi corrigido posteriormente à foto;



**ESPINHO BARROSO
ASSUME COMANDO**

Pedro Barroso (na foto) foi ontem oficializado como treinador do Espinho. Na véspera do 107.º aniversário do clube, Barroso, que orientou o Benfica e Castelo Branco nas últimas duas épocas, foi anunciado pelos espinhenses nas redes sociais como sucessor de Rui Borges. O treinador, de 36 anos, conta com Ginho, André Moreira e Nuno Anselmo na equipa técnica. —F.M.

lático
nas p
quali
de 20
naca
em F
A F
Fute
do ai
grup
anun
com
reali
teste
dos
va n
dete
de in
Rui
mei
mir
sub

BEI
BK

AROUCA DEFESA THALES NO TOPO DOS MAIS UTILIZADOS

Em época de estreia na Liga Bwin, Thales tem sido imprescindível para Armando Evangelista no Arouca e situa-se na vice-liderança da lista de jogadores mais utilizados do campeonato. O lateral direito, 27 anos, soma 1098 minutos ao longo das 11 partidas em que atuou, sempre a titular. À frente dele apenas está Zainadine, do Marítimo, que leva mais um minuto em campo.

3 C. Portugal  OJ 16-11-2021 Nº 268 3ª feira : LX

m a concluir.

os

m

u-

a a

u-

re-

rei

se

le-

er-

ne-

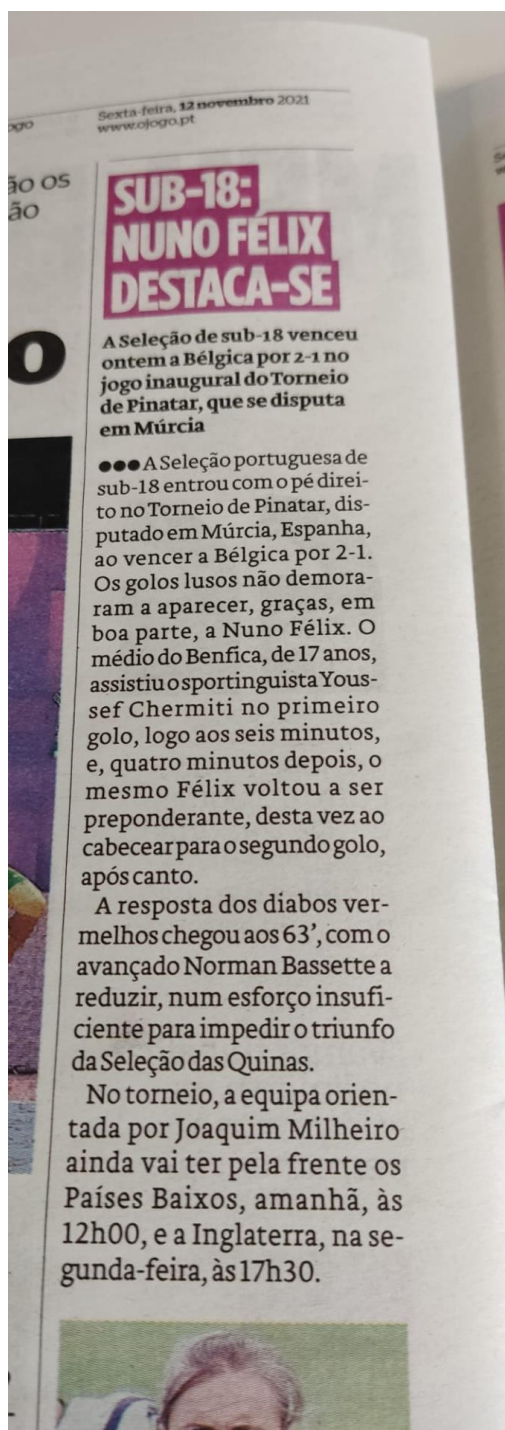
al,

re-



SUB-18: FIM AMARGO EM PINATAR

A Seleção nacional de sub-18, orientada por Joaquim Milheiro (na foto), terminou ontem a participação no Torneio de Pinatar com uma derrota por 2-0 diante da Inglaterra. Após um triunfo frente à Bélgica por 2-1 e um empate (1-1) com os Países Baixos, a equipa das Quinas começou o jogo com os ingleses praticamente a perder. Divin Mubama aproveitou um atraso curto de Hugo Faria para Diogo Pinto e inaugurou o marcador, aos 5'. Os ingleses fixaram o resultado final aos 78', com Michael Olakingbe a finalizar um contra-ataque.



Bibliografia

Aguiar, A. (2015). *Evolução da imprensa desportiva portuguesa (1946-2006): estudo do caso - o jornal A Bola e a Volta a Portugal em bicicleta* [Dissertação de mestrado, Universidade Fernando Pessoa]. Repositório Institucional - Universidade Fernando Pessoa. Acedido em: 25 de outubro de 2021, em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/4658>

Andrews, P. (2005). *Sports Journalism: A Practical Introduction*, 1ª edição. SAGE Publishing. Londres.

Aroso, I. (2003). *A Internet e o novo papel do jornalista* [Artigo científico, Universidade da Beira Interior]. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior. Acedido em: 14 de março de 2022, em: <http://bocc.ubi.pt/pag/aros-ines-internet-jornalista.pdf>

Batista, J., Pires, R. (1989). *O desporto nas sociedades modernas* [Artigo científico, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do Instituto Universitário de Lisboa. Acedido em: 11 de abril de 2022, em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/978>

Boyle, R. (2006). *Sports Journalism: Context and Issues*. 1ª edição. SAGE Publishing. Londres.

Byers, T., Slack, T., & Parent, M. (2012). *Key Concepts in Sports Management*. 1ª edição. SAGE Publishing. Londres.

Elias, N., & Dunning, E. (1992). *A Busca da Excitação*. 1ª edição. DIFEL 82 – Difusão Editorial. Lisboa.

Fernandes, M. (2011). *A dicotomia do jornalismo desportivo em Portugal: futebol versus modalidades* [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto]. Repositório da Universidade do Porto. Acedido em: 2 de maio de 2022, em: https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=28092

Ferreira, P. (2017). *O jornalismo desportivo em Portugal* [Dissertação de mestrado, Universidade da Beira Interior]. Repositório Digital da Universidade da Beira Interior. Acedido em: 7 de dezembro de 2021, em: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/7864>

Latas, R. (2017). *A hegemonia do futebol no jornalismo desportivo: estudo de caso: A Bola TV* [Relatório de estágio, Instituto Politécnico de Lisboa]. Repositório Científico –

Instituto Politécnico de Lisboa. Acedido em: 15 de janeiro de 2022, em: <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/8066>

Lopes, Paula. (2010). *A crónica (nos jornais): O que foi? O que é?* [Artigo científico, Universidade Autónoma de Lisboa]. Repositório Institucional da Universidade Autónoma de Lisboa. Acedido em: 14 de março de 2022, em: <https://repositorio.ual.pt/handle/11144/197>

Martins, H. (2020). *Jornalismo desportivo na era digital: o caso do Zerozero.pt* [Relatório de estágio, Instituto Politécnico de Coimbra]. Repositório Comum do Instituto Politécnico de Coimbra. Acedido em: 23 de maio de 2022, em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/31349>

Nogueira, L. (2016). *Para a História do Jornalismo Desportivo Radiofónico em Portugal: O Contributo da 'Bola Branca'* [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto]. Repositório da Universidade do Porto. Acedido em: 19 de novembro de 2021, em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/86668/2/163302.pdf>

Pinheiro, F. (2009). *História da imprensa periódica desportiva portuguesa (1875-2000)* [Tese de doutoramento, Universidade de Évora]. Repositório Científico da Universidade de Évora. Acedido em: 20 de outubro de 2021, em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/12226>

Raney, A., & Bryant, J. (2006). *Handbook of Sports and Media*. 1ª edição. Routledge. Oxfordshire.

Rowe, D. (2004). *Sport, Culture and the Media*. 2ª edição. Open University Press. Berkshire. Acedido em: 23 de maio de 2022, em: [https://repository.bbg.ac.id/bitstream/608/1/Sport Culture and The Media.pdf](https://repository.bbg.ac.id/bitstream/608/1/Sport%20Culture%20and%20The%20Media.pdf)

Santarém, R. (2017). *Jornalismo desportivo* [Dissertação de mestrado, Universidade da Beira Interior]. Repositório Digital da Universidade da Beira Interior. Acedido em: 7 de fevereiro de 2022, em: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/7865>

Sobral, L., & Magalhães, P. (1999). *Introdução ao jornalismo desportivo*. 1ª edição. Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas. Lisboa.

Wenner, L., & Billings, A. (2017). *Sport, Media and Mega-Events*. 1ª edição. Routledge. Oxfordshire.